

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC - SP /COGEAE

SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO - SOPSP

DANIELLE GIROTTI CALLAS

PSICODRAMA NAS RUAS: VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

O ser-em-relação como possibilidade de transformação

São Paulo

2013

DANIELLE GIROTTI CALLAS

PSICODRAMA NAS RUAS: VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

O ser-em-relação como possibilidade de transformação

Monografia de conclusão do curso de formação em Psicodrama (nível I), do convênio SOPSP – PUC/SP.

Orientadora: Ms. Maristela Teixeira Gasbarro

São Paulo

2013

DANIELLE GIROTTI CALLAS

PSICODRAMA NAS RUAS: VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

O ser-em-relação como possibilidade de transformação

Monografia de conclusão do curso de
formação em Psicodrama (nível I), do
convênio SOPSP – PUC/SP.

Orientadora:

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Ms. Maristela Teixeira Gasbarro

Parecerista: Prof^a. Dra. Marília Marino

Parecerista: Prof. Dr. Anibal Mezher

AGRADECIMENTOS

A meu pai, Jorge Callas, que foi a primeira pessoa que me ensinou a baixar os vidros do carro para um mendigo que se aproximava, enquanto as pessoas apressadamente levantavam seus vidros.

A minha mãe, Nilde Girotti Callas, que é exemplo de estímulo à transformação e aos estudos,

A Pierre Rivron, que me ensinou muito e me proporcionou oportunidades únicas de desenvolvimento profissional,

Ao Padre Julio Renato Lancellotti, que não me permite deixar de acreditar,

A minha primeira terapeuta, Roseli Grimaldi, que me apresentou ao Psicodrama,

A todos os meus mestres do curso de formação em Psicodrama, convênio SOPSP – PUC/SP, nível 1,

Aos meus amigos, Patrícia Harumi Shiroma, Viviane Nunes Barreto, Juliana Felipe, Beatriz Werneck, Fernando Celso Mariani, Ricardo Issao Ito, Rui da Silva Santos, Janis Leonicia Kunrath, Jonatas Pedroni e Liamar Mayer de Paula, que sempre me apoiaram nessa jornada,

A minha amiga irmã, Denise Bonnine, que, além de me apoiar, foi a registradora da atividade com os voluntários,

Ao amigo Sr. Reinaldo Pagan, nosso líder na Praça e

A todos que direta e indiretamente colaboram para a realização do trabalho do grupo do sopão da Praça Roosevelt.

“VIDA

*De que vale a vida se não atravessarmos um
bosque em chamas para salvar um canário?*

*De que vale a vida se não pudermos
dominar nossos egos e respirar a essência
da humildade?*

*De que vale a vida se não cultivarmos
abraços livres para acolhermos os
desesperados e famigerados?*

*De que vale a vida se não tecermos na alma
para apaziguarmos os escárnios
desenfreados?*

*De que vale a vida se apenas passamos em
desfile sem edificar sonhos de um mundo
humanitário?*

*(Verso da Primavera, Poesia nas ruas da
cidade de Lucia Helena de Andrade Gomes)*

*“Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos
homens de boa vontade.”*

*(canção “Eles estão surdos” de Roberto
Carlos e Erasmo Carlos)*

*“O problema da população de rua não é a
rua, é a vida.”*

*(Pe. Julio Renato Lancellotti, Vigário
Episcopal para o Povo da Rua da
Arquidiocese SP)*

RESUMO

Através de um olhar psicodramático, esse estudo tem o objetivo de realizar uma leitura sociométrica do grupo do sopão da Praça Roosevelt, em São Paulo, após uma retomada do contexto da população em situação de rua e da questão da exclusão social. A esta leitura estão vinculadas práticas que investigam as distintas necessidades e os diferentes objetivos que fazem do grupo um grupo e não meramente um agrupamento. A pesquisa-ação busca resposta às seguintes questões: “Será que as pessoas buscam apenas comida quando se reúnem aos domingos?”, “É possível pensar em um trabalho social que ultrapasse o âmbito do assistencialismo?”, “Quais são os diferentes vínculos existentes nesse grupo?”, “Quais efeitos as práticas psicodramáticas poderão proporcionar ao grupo?”. Este estudo parte do pressuposto de que o encontro dominical é uma oportunidade de socialização que é disparadora para a transformação. O ser-em-relação, conceito moreniano, é condição indispensável para as tentativas de transformação que buscam o resgate da população em situação de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: morador de rua, vulnerabilidade social, psicodrama, teoria dos papéis, ser-em-relação.

ABSTRACT

Using a psychodramatic approach, this study aims to conduct a sociometric analysis of the group known as “grupo do sopão da Praça Roosevelt” (Praça Roosevelt soup group), in São Paulo, after a review of the homelessness context and of the question of social exclusion. This analysis relies on some practices that investigate the different needs and distinct goals that make a group a group, as opposed to a collection of people. This action research tries to answer the following questions: “Are people just looking for food when they meet on Sundays?”, “Is it possible to imagine a social work that goes beyond mere assistance?”, “What are the affective bonds in this group?”, “What effects could a psychodramatic experience have on the group?”. This study assumes that the Sunday meeting is an opportunity for socialization that can trigger a change. Moreno’s concept of “being-in-relation” is the indispensable condition for attempts to change that seek to rescue people in social vulnerability.

Key-words: homeless people, social vulnerability, psychodrama, theory of roles and “being-in-relation”

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

1 Tabela: População em situação de rua segundo escolaridade.....	25
2 Gráfico: População em situação de rua segundo local onde costuma dormir ...	27
3 Gráfico: População em situação de rua segundo declaração de problemas de saúde	29
4 Gráfico: População em situação de rua segundo experiências de impedimento de entrada em locais ou para realização de atividades	30
5 Gráfico: Religião	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIOLÓGICO E CULTURAL	14
1.1 Sobre a população em situação de rua no Brasil	14
1.2 A cultura da vida nas ruas	23
1.3 Sobre o significado do que é morar nas ruas de uma cidade como São Paulo a partir da ótica da Sociologia	28
1.4 Movimentos exitosos e experiências comunitárias	32
CAPÍTULO 2 GRUPO DO SOPÃO DA PRAÇA ROOSEVELT EM SÃO PAULO	35
2.1 Breve histórico do grupo	35
2.2 Sobre a dinâmica operacional do encontro dominical	37
2.3 Características das equipes de voluntários colaboradores	40
2.4 Características do grupo de clientes assistidos	42
CAPÍTULO 3 PSICODRAMA NAS RUAS	44
3.1 Por que vincular o Psicodrama de Moreno ao trabalho com os moradores de rua?	44
3.2 Podemos falar de ética moreniana nesse trabalho?	48
3.3 Psicodrama líquido	48
3.4 O homem como ser-em-relação, papel social e átomo social	52
3.5 O grupo e o fator tele	57
3.6 Sobre a espontaneidade	59
3.7 Sobre as lideranças	60
3.8 Figuras modelares e modelantes: as crianças	61
3.9 Axio-sociodrama com o grupo de voluntários	63
CAPÍTULO 4 REFLEXÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS	78
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

Meu encontro com o Psicodrama e os elos de aproximação com o mesmo surgiram gradualmente em diferentes momentos de minha vida.

O primeiro contato se deu através da terapia. Foi como paciente que ouvi pela primeira vez algo sobre Jacob Levy Moreno e o Psicodrama.

Tenho uma formação acadêmica e um currículo profissional ecléticos: graduação em Relações Internacionais, pós-graduação em Marketing, trabalhos com estudos de mercado, seguro de crédito, ensino da língua inglesa, promoção da língua francesa, marketing, cultura e educação. Minha trajetória profissional não foi linear e sempre fugi da conserva cultural. As oportunidades concretas muitas vezes surgiram através de minha rede sociométrica e o novo aparecia como um desafio extremamente estimulante.

Ao mesmo tempo em que minha carreira na vida corporativa me conduziu a novos desafios mais competitivos, minha vida pessoal me conduziu a novas experiências no contexto social. Em um determinado momento, senti que tinha duas vidas diferentes. Em uma vida, vivia as metas, a *mais-valia*, a competição, a ganância insaciável e a ilusão do “ter”. Em outra vida, vivia o compartilhar, o criar, o ajudar o outro, o bem e o real prazer do “ser”.

Minha primeira experiência de trabalho social profissional não remunerado financeiramente, como prefiro qualificar, foi com o grupo do sopão da Praça Roosevelt, em São Paulo. Quando já completava 5 anos de graduação e atuava na área de promoção da língua francesa, fui convidada por um amigo, que conheci nadando em uma piscina do SESC, a conhecer o trabalho realizado pelo grupo. Mesmo sendo inicialmente um trabalho de cunho assistencial, sinto que evoluímos todos – voluntários e clientes da sopa – como grupo.

Foi ao viver simultaneamente vidas tão diferentes, em meio a um contexto pessoal de diferentes perdas e lutos, que o Psicodrama surgiu como o próximo passo a ser dado em minha trajetória pessoal e profissional.

Hoje, com orgulho e felicidade, afirmo que consegui unir minhas duas vidas, encontrando um trabalho profissional com foco no desenvolvimento humano. Meu processo de autoconhecimento e de busca de um novo projeto profissional, dessa vez baseado em escolhas fundamentadas, somente foi possível graças ao Psicodrama.

Participo do trabalho do sopão desde *dezembro de 2004* de forma ininterrupta. Foi esse trabalho que me despertou a necessidade de desenvolvimento e que me levou a buscar a formação em Psicodrama. Tive valiosas oportunidades de desenvolver outros trabalhos com o Psicodrama: com as líderes comunitárias da Pastoral da Criança na comunidade de Heliópolis (SP), com os jovens assistidos pelo Programa de Assistência Comunitária da PUC/SP, com os integrantes da velha-guarda da Escola de Samba Unidos do Peruche (SP) e com os funcionários do Centro de Referência do Idoso (SP). Também, tive participações em atividades episódicas a convite de professoras, que sempre me estimularam a vivenciar distintas experiências no papel de aluna no processo de formação psicodramática.

Entre 2009 e 2012, tive a oportunidade de desenvolver trabalhos psicodramáticos na área corporativa, unindo de forma surpreendente minhas três principais áreas de formação: Relações Internacionais, Marketing e Psicodrama. A convite de uma instituição internacional, para qual trabalhei, fui convidada a realizar capacitações na área de marketing, em diferentes países: Peru, Portugal, Equador, Bolívia e Argentina. Diante desse desafio, o Psicodrama enriqueceu minha bagagem com metodologias, com recursos e com ferramentas, que me acompanharam ao longo de todas as viagens. Na realidade, me acompanham todos os dias hoje.

Mesmo com todas as diferentes oportunidades de trabalho psicodramático que surgiram, o trabalho do sopão sempre foi e será importante para mim. Foi com esse grupo que tudo começou e segue até hoje. Por esse motivo, me propus a desenvolver o trabalho “Psicodrama nas ruas: você tem fome de que?”.

Esse trabalho compõe com as demais vivências a possibilidade de desenvolvimento como Psicodramatista, mantendo meu modo de estar no mundo e na profissão: aberta e disponível às oportunidades. A interação dessa vivência com as demais se mantem e deve ser articulada, embora o grupo do sopão tenha sido eleito como foco do presente estudo.

Minhas diferentes vidas continuam dialogando e se confrontando, ao mesmo tempo, que compõem meu cacho de papéis. Dirigir um grupo de voluntários na rua foi mais difícil do que dirigir um grupo de alunos ou uma equipe corporativa. O Psicodrama possibilita as mais diferentes vivências como estratégias de relacionamento com o eu e com o outro.

Objetivo geral

Estudar a sociodinâmica do grupo da Praça Roosevelt, partindo-se do pressuposto de que a transformação pessoal e societária começa nos “grupos”.

Objetivos específicos

Essa pesquisa-ação promove a reflexão sobre os valores e sobre as atitudes dos participantes do grupo (voluntários e clientes da sopa), sobre a intencionalidade desse trabalho profissional não remunerado, sobre os vínculos construídos a partir da estabilidade, da duração e do comprometimento desse trabalho e, enfim, sobre as necessidades físicas e emocionais de cada um, que ultrapassam a necessidade primária de saciar a fome.

Procedimentos metodológicos

Essa pesquisa-ação está organizada em duas partes essenciais.

A primeira visa contextualizar o leitor trazendo elementos históricos, sociológicos e culturais da população que vive em situação de extrema privação, portanto, vulnerável. Foram realizadas diferentes pesquisas teóricas a fontes impressas e eletrônicas, além de uma pesquisa empírica através da entrevista com uma pessoa engajada socialmente na questão.

A segunda apresenta ao leitor o grupo do sopão da Praça Roosevelt, ao mesmo tempo em que resgata na vida de Moreno, seu momento de trabalho realizado também com essa população de rua. Inicialmente, propomos uma leitura sociométrica do grupo, articulada com elementos da teoria moreniana. Posteriormente, são apresentados distintos momentos psicodramáticos com o *Psicodrama líquido* e com um *axio-sociodrama* realizado com o grupo de voluntários.

Vale destacar que a pesquisa-ação levou em consideração o cuidado prévio com a exposição dos diferentes participantes do grupo. Todos os participantes autorizaram verbalmente e por escrito a citação de seus nomes e a divulgação de suas imagens.

Uma questão-chave do estudo é a transformação. A partir da identificação das diferentes fomes humanas, o ser-em-relação ganha força e estímulo para construir uma vida nova.

1 CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL, POLÍTICO E SOCIOLÓGICO

Torna-se necessário contextualizar o leitor e assim garantir sua imersão na vida das ruas na cidade de São Paulo, através de estudos, pesquisas oficiais, notícias e do depoimento de quem convive com a população em situação de vulnerabilidade social.

1.1 Sobre a população em situação de rua no Brasil

Inicialmente, assim como Camila Giorgetti ¹, em sua obra “Moradores de rua: uma questão social”, é necessário pontuar que a expressão *morador de rua* é insuficiente para caracterizar o grupo estudado. Ora porque algumas pessoas do grupo pesquisado chegam a ter um domicílio fixo ora porque o mais correto é referendar as pessoas do grupo do sopão da Praça Roosevelt como: pessoas em situação de vulnerabilidade social, política, econômica, cultural e emocional. Vale mencionar que o termo *mendigo*, ou *andarelho* são reconhecidos como pejorativos, além de politicamente incorretos. E os *sem-teto*, muitas vezes, estão em nossa memória histórica como os participantes do movimento da reforma agrária no Brasil. Também podemos considerar a sugestão do Prof. Dr. Anibal Mezher onde conceitualmente falamos dos vulneráveis habitantes da rua.

Hoje, no Brasil, falamos da *população em situação de rua*. De acordo com o Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua:

[...] trata-se de grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares fragilizados ou rompidos e a inexistência de moradia convencional regular [...] essa população se caracteriza, ainda, pela utilização de logradouros públicos (praças, jardins, canteiros, marquises, viadutos) e áreas degradadas (prédios abandonados, ruínas, carcaças de veículos) como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como unidades de serviços de acolhimento para pernoite temporário ou moradia provisória.²

¹ Camila Giorgetti é graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995), possui mestrado em Sociologia pelo Institut D'etudes Politiques de Paris (1997) e doutorado co-tutela em sociologia pela PUC-SP e Institut d'Études Politiques de Paris (2004) (Fonte: Currículo Lattes)

² Disponível em:

Pela primeira vez foi realizada a Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua, *entre agosto de 2007 e março de 2008*, através da parceria entre o Ministério de Desenvolvimento Social e a Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO). A cidade de São Paulo não participou dessa pesquisa pois, como poderemos ver mais adiante, teve a iniciativa de realizar antecipadamente sua pesquisa municipal.

Essa pesquisa chegou a estimar a existência de *50.000 pessoas adultas em situação de rua identificadas nos 71 municípios participantes da pesquisa* (municípios com mais de 300.000 habitantes), já com a somatória das cidades que realizaram suas pesquisas municipais, como é o caso da cidade de São Paulo. Devemos considerar que esse número ainda é uma *estimativa inferior* aos números da realidade uma vez que não foram contabilizadas crianças e adolescentes e uma vez que a pesquisa não aconteceu simultaneamente em toda abrangência nacional e sim de forma isolada e em diferentes períodos. Como referência, o estudo “Estimativa do Número de Pessoas em Situação de Rua da Cidade de São Paulo em 2003”, contratado pela Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo, e realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), estimou que, em 2003, o número de pessoas em situação de rua nos distritos pesquisados da cidade de *São Paulo* era de 10.399. Se comparado à pesquisa, realizada pela Secretaria Municipal da Família e do Bem-estar Social em 1991, esse número representa um aumento *de mais de 300% da população de rua nos últimos 12 anos*. A prefeitura de São Paulo, em maio/2012, estimou, para a Campanha do Agasalho, a existência de pelo menos 15.000 em situação de rua na capital. Vale considerar também que houve um índice considerável de pessoas que se recusaram a participar das pesquisas de campo por conta de seu estado de embriaguez ou de confusão mental.

Mesmo assim, acredito ser válido para a pesquisa comparativa anunciar o *perfil* das pessoas adultas em situação de rua identificadas pela Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua ³. Apresentarei os principais dados resumidos

< <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protecao-social-especial/populacao-de-rua/populacao-em-situacao-de-rua>>. Acesso em 20/11/2012

³ Disponível em: http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_ruas.pdf. Acesso em 20/11/2012

da pesquisa, realizando, a medida do possível, a comparação com os 180 “clientes da sopa da Praça Roosevelt”:

- Predominantemente masculina (82%). *No caso do grupo específico, temos 95% da população masculina.*

- Mais da metade (53%) das pessoas adultas em situação de rua entrevistadas (somente foram entrevistadas pessoas com 18 anos completos ou mais) possui entre 25 e 44 anos. *A idade média dos clientes da sopa é de 47 anos. Temos uma população periférica de crianças (10 participantes) e cerca de 50% estão na faixa etária entre 25-40 anos e o restante na faixa entre 55-70 anos.*

- 39,1% das pessoas em situação de rua se declararam pardas. Essa proporção é semelhante à observada no conjunto da população brasileira (38,4%).

- Declararam-se brancos 29,5% (53,7% na população em geral) e pretos 27,9%, (apenas 6,2% na população em geral). Assim, a proporção de negros (pardos somados a pretos) é substancialmente maior na população em situação de rua. *Em nosso grupo temos um índice de 60% de negros e pardos.* Vale destacar a presença de uma família com traços afro orientais (belo exemplo da miscigenação brasileira) de 15 integrantes que são atendidos já há um ano em nosso grupo.

- A maioria (52,6%) recebe entre R\$20,00 e R\$80,00 semanais. *Não conseguimos levantar esse dado em nosso grupo.* Por princípio previamente acordado com o grupo, não abordamos assuntos de ordem financeira.

- 74% dos entrevistados sabem ler e escrever. 17,1% não sabem escrever e 8,3% apenas assinam o próprio nome. *Em nosso grupo, 80% são alfabetizados, mas apenas 20% chegaram a concluir o ensino fundamental.* Curiosamente, temos um percentual periférico que não chega a 5% dos participantes que falam outro idioma: inglês, francês, italiano ou espanhol. *Temos 5 participantes com formação superior completa e pós-graduação.*

- A imensa maioria não estuda atualmente (95%). Apenas 3,8% dos entrevistados afirmaram estar fazendo algum curso (ensino formal 2,1% e profissionalizante 1,7%). *Em nosso caso, também a imensa maioria dos participantes assíduos não estudam.* Um percentual periférico menciona interesse

em cursos de capacitação, como informática. Veremos mais adiante que esse é um ponto a ser trabalhado.

Tabela 1: População em situação de rua segundo escolaridade, 2007-8 ⁴

Escolaridade	F	%
Nunca estudou	4.175	15,1
1o. grau incompleto	13.385	48,4
1o. grau completo	2.854	10,3
2o. grau incompleto	1.045	3,8
2o. grau completo	881	3,2
Superior incompleto	190	0,7
Superior completo	194	0,7
Não sabe/ não lembra	2.136	7,7
Não informado	2.878	10,1
	27.738	100

- Composta, em grande parte, por trabalhadores: 70,9% exercem alguma atividade remunerada. Dessas atividades destacam-se: catador de materiais recicláveis (27,5%), flanelinha (14,1%), construção civil (6,3%), limpeza (4,2%) e carregador/estivador (3,1%). *As atividades mais praticadas entre os integrantes de nosso grupo são: carregadores (que possuem as chamadas “carrocinhas próprias”, recicladores, vigilantes de prédios, funcionários de limpeza ou cozinha e, mais recentemente, usados como estátuas vivas das publicidades imobiliárias.*

- A maioria tem profissão: 58,6% dos entrevistados afirmaram ter alguma profissão. Entre as profissões mais citadas destacam-se aquelas ligadas à construção civil (27,2%), ao comércio (4,4%), ao trabalho doméstico (4,4%) e à mecânica (4,1%). Contudo, a maior parte dos trabalhos realizados situa-se na chamada economia informal: *apenas 1,9% dos entrevistados afirmaram estar trabalhando atualmente com carteira assinada.* Essa não é uma situação ocasional. 47,7% dos entrevistados nunca trabalharam com carteira assinada. Entre aqueles que afirmaram já ter trabalhado alguma vez na vida com carteira assinada, a maior parte respondeu que isso ocorreu há muito tempo (50% há mais de cinco anos e 22,9% de dois a cinco anos). *Em nosso grupo, a imensa maioria não possui e não possuíram registro de trabalho em carteira, mesmo tendo passado pelo menos por 3 experiências profissionais diferentes. Exatamente como indica a pesquisa, uma*

⁴ Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008.

grande maioria já atuou como pedreiro na construção civil, ou vendedor em lojas populares ou como faxineiros e empregadas domésticas.

- Apenas 15,7% pedem dinheiro como principal meio para a sobrevivência. *No nosso grupo, temos um percentual maior de pessoas que sobrevivem de esmolas. Mas, a diferença notável é no percentual de participantes (pelo menos 20%) que sobrevivem a partir das atividades ilícitas como prostituição e intermediários no tráfico de drogas. Vemos a tendência para o empobrecimento da população.*

- Parte considerável (45,8%) é originária do município onde se encontra, ou de locais próximos. *Pelo fato do nosso grupo se encontrar em um ponto central da cidade de São Paulo, nesse caso, temos um percentual inverso, onde mais do que 50% dos frequentadores assíduos do sopão não são do município. Temos uma quantidade significativa de participantes que vem dos estados do Nordeste e de Minas Gerais. A cidade de São Paulo é centro receptor populacional.*

- A maioria dos entrevistados (59,9%) viveu sua vida em um número pequeno de cidades (até três cidades). O percentual de pessoas que viveram em seis cidades ou mais, é de 11,9%, indicando um comportamento de deslocamentos frequentes, que se convencionou denominar como de “trecheiro”.

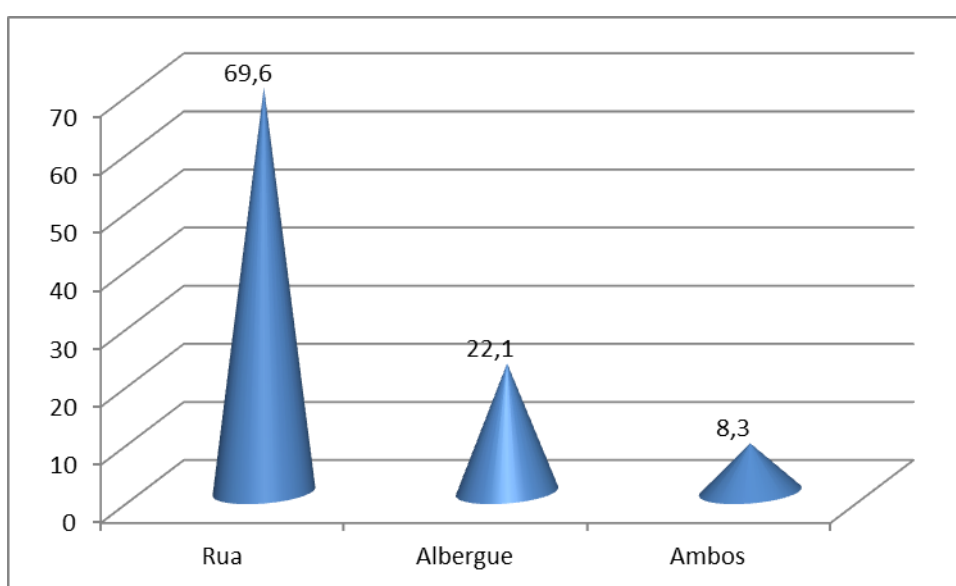
- Dos que já moraram em outra(s) cidade(s), 60,1% não dormiam na rua ou em albergue na cidade anterior. *Muitos do nosso grupo passaram a viver nas ruas após sua vinda a São Paulo.*

- 69,6% costumam dormir na rua, sendo que cerca de 30% dorme na rua há mais de 5 anos. *No nosso caso, estimamos que 20% dos participantes dormem efetivamente nas ruas. Os demais hoje residem em pensões ou em cortiços, além das casas de prostituição no caso das mulheres e dos transexuais, do centro de São Paulo, principalmente localizados hoje na região dos bairros de Campos Elíseos e da Luz, ou em comunidades, como a comunidade do “Moinho”, incendiada em dezembro/2011.*

- 22,1% costumam dormir em albergues ou outras instituições. *Uma minoria em nosso grupo consegue hoje ser atendido pelos poucos albergues que restam em funcionamento na cidade de São Paulo.*

- Entre aqueles que manifestaram preferência por dormir na rua, 44,3% apontaram a falta de liberdade como o principal motivo da não preferência por dormir em albergue. O segundo principal motivo foi o horário (27,1%) e o terceiro a proibição do uso de álcool e drogas (21,4%), ambos igualmente relacionados com a falta de liberdade. *Em nosso grupo, as opções por moradia na rua é restrita ao caso dos usuários de drogas, principalmente da conhecida região da Cracolândia.*

Gráfico 1: População em situação de rua segundo local onde costuma dormir 2007-8 (%) ⁵



- 51,9% dos entrevistados possuem algum parente residente na cidade onde se encontram. Porém, 38,9% deles não mantêm contato com esses parentes e 14,5% mantêm contato em períodos espaçados (de dois em dois meses até um ano). *Mais do que 70% dos atendidos por nosso grupo, já relatou a existência de um familiar com o qual mantém contato não periódico.*

- 39,2% consideram como bom ou muito bom o relacionamento que mantém com os parentes que vivem na mesma cidade, enquanto 29,3% consideram esse relacionamento ruim ou péssimo.

- 23,1% mantêm contato com parentes que vivem fora da cidade em que se encontram.

⁵ Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008.

- A maioria (79,6%) consegue fazer ao menos uma refeição por dia, sendo que 27,4% compram comida com seu próprio dinheiro. *Também constatamos que praticamente 100% do nosso grupo consegue fazer ao menos uma refeição por dia.* Vale destacar que existem muitos grupos e instituições que realizam essa atividade voluntariamente no centro da cidade de São Paulo.

- 19% dos entrevistados não conseguem se alimentar todos os dias (ao menos uma refeição por dia).

- 29,7% dos entrevistados afirmaram ter algum problema de saúde. Entre os problemas de saúde mais citados destacam-se: hipertensão (10,1%), problema psiquiátrico/mental (6,1%), HIV/Aids (5,1%) e problemas de visão/cegueira (4,6%). *Nossos atendidos são assíduos frequentadores da Santa Casa de Saúde e do Hospital das Clínicas. Uma maioria notável apresenta problemas psiquiátricos, de hipertensão, de ferimentos constantes graves provenientes de atos violentos nas próprias ruas e também odontológicos. O percentual de pacientes HIV/AIDS está em torno de 10% dos frequentadores do sopão.*

- Dos entrevistados, 18,7% fazem uso de algum medicamento. Postos/centros de saúde são as principais vias de acesso a esses medicamentos. Daqueles que os utilizam, 48,6% afirmaram consegui-los por esse meio. *A grande maioria hoje faz queixas sobre a falta de alguns medicamentos hoje nos postos de saúde.*

- Quando doentes, 43,8% dos entrevistados procuram em primeiro lugar o hospital. Em segundo lugar, 27,4% procuram o posto de saúde. Uma grande maioria do grupo demonstra uma forte resistência a buscar por auxílio médico especializado e espera um quadro emergencial para buscar por ajuda.

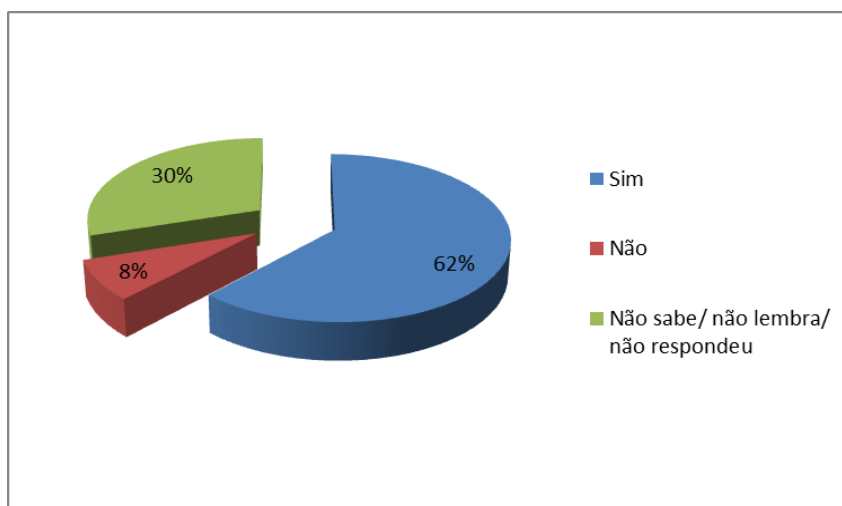
- 95,5% não participam de qualquer movimento social ou associativismo;

- 24,8% não possuem qualquer documento de identificação. *Nós fizemos uma campanha informal para fazer com que a grande maioria dos participantes do sopão tenha no mínimo o documento de identificação. Fato é que a grande maioria não o possuía anteriormente.*

- 61,6% não exerce o direito de cidadania elementar que é o voto. *Já acompanhamos diferentes períodos de eleição. Hoje, em nosso grupo, pelo menos*

70% exercitaram seu direito a voto nas últimas eleições presidenciais em 2010 e também nas municipais em 2012. Muitos ainda em função do “voto vendido”, que ainda é realidade mesmo nos tempos atuais.

Gráfico 2: População em situação de rua segundo declaração de problemas de saúde, 2007-8 ⁶



- 88,5% não é atingida pela cobertura dos programas governamentais, ou seja, afirma não receber qualquer benefício dos órgãos governamentais. *Fato é que em nosso grupo um percentual periférico que não alcança os 10% recebe algum tipo de benefício, principalmente aposentadoria por invalidez e Bolsa Família.*

Entre os benefícios recebidos, destacaram-se:

- Aposentadoria (3,2%);
- Programa Bolsa Família (2,3%);
- Benefício de Prestação Continuada (1,3%);

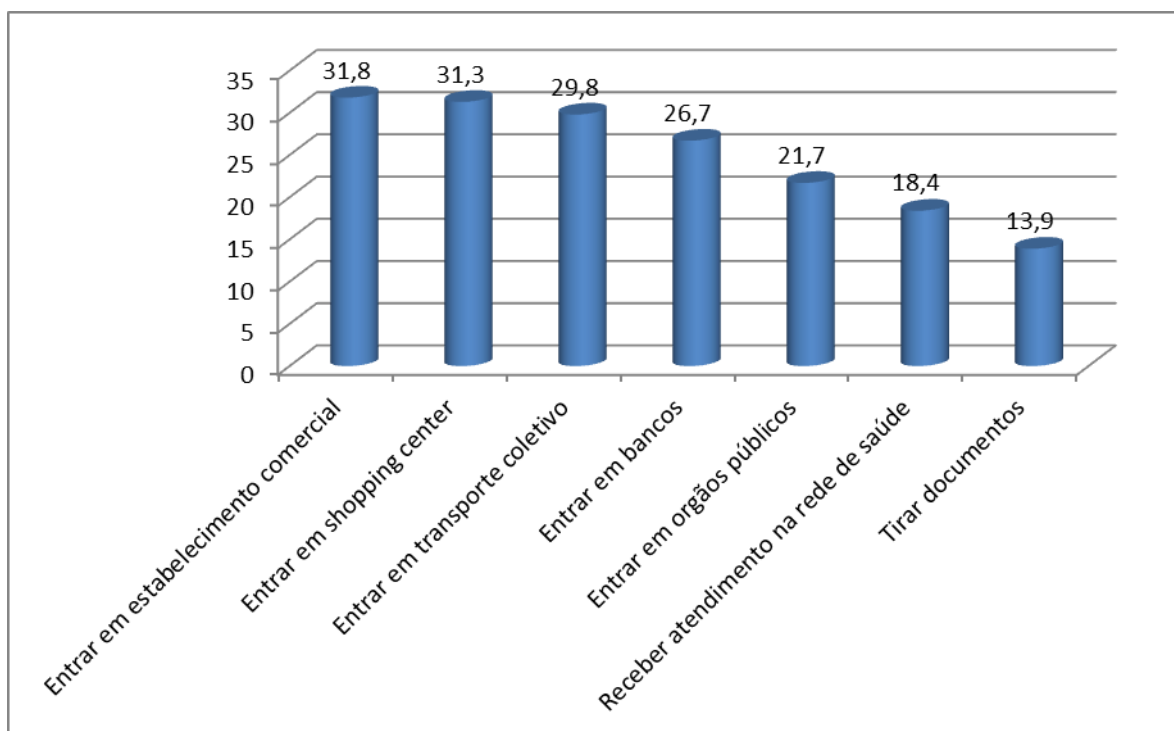
As principais razões pelas quais essas pessoas estão em situação de rua são:

- Alcoolismo/drogas (35,5%);
- Desemprego (29,8%);
- Desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%).

⁶ Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008.

Dos entrevistados no censo, 71,3% citaram pelo menos um desses três motivos que podem estar correlacionados entre si ou um ser consequência do outro. *Exatamente é esse o fenômeno que notamos no grupo do Sopão.*

Gráfico 3: População em situação de rua segundo experiências de impedimento de entrada em locais ou para realização de atividades, 2007-8 (%) ⁷



A tentativa de traçar o perfil do morador de rua da cidade de São Paulo objetiva evidenciar sua condição de vulnerabilidade: sem livre acesso a todos os locais da cidade, sem moradia fixa na maioria das vezes, sem condições de desenvolvimento pessoal e estudantil, sem profissão, sem ocupação remunerada, sem condições de tratar seus problemas de saúde, sem família, sem direito de exercer seu papel de cidadão, sem registro civil de identidade, sem acesso à informação e sem esperar. Apenas não lhe falta alimento físico nessa cidade imensa!

⁷ Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, Meta/MDS, 2008. Nota: as colunas não totalizam 100% pois a informação é coletada em quesito de marcação múltipla.

1.2 A cultura da vida nas ruas

Como podemos notar, tanto as pesquisas relacionadas às pessoas em situação de rua, como as políticas que tratam as questões de assistência social, são recentes no país, de forma que, durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, distintas Organizações Não Governamentais (ONGs) e Instituições Religiosas atuaram de forma voluntária em diferentes ações assistenciais que visam prover as condições mínimas de sobrevivência humana. Existem inúmeros grupos que distribuem alimentos, roupas e cobertores em diferentes pontos da cidade, em diferentes dias e horários.

“De fome ninguém morre na cidade de São Paulo”, diz o padre Julio Lancelotti⁸.

Muitas pessoas hoje em situação de rua padecem por inúmeros outros motivos, muitos relacionados a desequilíbrios emocionais e quadros depressivos. Perde-se a esperança. Perde-se a vontade de viver. *Aqui reforça-se a pergunta-chave desse estudo: você tem fome de que?”.*

As pessoas em situação de rua em nossa cidade não precisam apenas de abrigos, de cobertores e de alimentação. Elas precisam de exemplos de transformação. Elas precisam de perseverança. Elas precisam estar próximas a pessoas que as despertem para o interesse pela vida e que, as façam sair do cômodo assistencialismo social.

Percebe-se que a sociedade costuma tratar as pessoas em situação de rua com *preconceito, repressão*, quando não com *violência*.

Utilizo de alguns casos recentes noticiados para exemplificar:

06 de março de 2013: Morador de rua é assassinado com sete facadas no centro da capital⁹

⁸ Julio Renato Lancelotti é sacerdote católico, formado em pedagogia e em teologia. Foi professor primário e universitário. É pároco da igreja São Miguel Arcanjo na Mooca (São Paulo) e Vigário Episcopal do Povo de Rua, nomeado por dom Paulo Evaristo Arns. Trabalhou na antiga FEBEM e fundou a Casa Vida para amparar gestantes portadoras do vírus HIV.

⁹ Disponível em: <http://www.190pb.com.br/noticia/16382/homicidios/2013/03/06/morador-de-rua-e-assassinado-com-sete-facadas-no-centro-da-capital> Acesso em 16/03/2013

[...] Um morador de rua conhecido apenas como sendo “Paulinho Queimado”, foi assassinado a golpes de faca. O crime aconteceu na calçada da antiga Proserv, no centro da capital paraibana. Paulinho era morador de rua e foi morto com sete golpes de faca peixeira. A ele já havia sofrido uma tentativa de homicídio, quando teve parte do corpo queimado.

26 de fevereiro de 2013: Morador de rua é espancado até a morte por 4 homens e 1 mulher em Porto Alegre¹⁰

“Depois de cair no chão, a vítima continuou a ser chutada pelos cinco agressores, entre eles uma mulher”.

16 de janeiro de 2013: Internação compulsória: tratamento ou isolamento social?¹¹

“A partir de uma matéria publicada na revista Caros Amigos, o Pe. Julio Lancelotti discute a polêmica proposta de internação compulsória”.

03 de janeiro de 2013: Um ano após operação no Centro de SP, Cracolândia¹²
resiste e ganha filiais :¹³

[...] Um ano após a Prefeitura de São Paulo e o governo estadual intensificarem as ações contra o crack, a chamada cracolândia no centro da capital resiste e ganha “filiais”. Dados da administração municipal e da Defensoria Pública, relatos de policiais militares, guardas-civis e ex-dependentes químicos, [...] indicam que ruas e avenidas da região central seguem ocupadas por usuários e traficantes de drogas. Moradores de bairros das zonas Sul, Norte, Leste e Oeste da cidade também passaram a conviver com usuários reunidos em minicracolândias. Em 3 de janeiro de 2012 foi intensificada a Operação Integrada Centro Legal, com objetivo de combater o tráfico e dar tratamento aos usuários com ações de agentes de saúde, sociais e da Polícia Militar e Guarda Civil Metropolitana [...] Depois de a operação começar, o número de vias da região frequentadas por usuários saltou de 17 para 33 [...]

O Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública de São Paulo recebeu quase 80 denúncias de agressões de policiais contra usuários no início do ano passado na Cracolândia. “Verificamos violações aos direitos das pessoas, truçulências da PM e violação grave aos direitos das pessoas que estavam ali”, disse o defensor público Carlos Weiss, coordenador do núcleo.

¹⁰ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,morador-de-rua-e-espancado-ate-a-morte-por-4-homens-e-1-mulher-em-porto-alegre-,1001531,0.htm> Acesso em 16/03/2013

¹¹ Disponível em: <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/internacao-compulsoria-tratamento-ou-isolamento-social/> Acesso em 16/03/2013

¹² A região da cidade de São Paulo, conhecida como Cracolândia, situa-se no centro da cidade, na Luz, entre as ruas Helvétia e a alameda Dino Bueno. Mais de 500 viciados, traficantes e intermediários do crack concentram-se nessa área, não importando qual o horário do dia. Consomem crack e outras drogas de forma explícita.

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/um-ano-apos-operacao-no-centro-de-sp-cracolandia-resiste-e-ganha-filiais.html> Acesso em 16/03/2013

[...] Toda e qualquer pessoa é portadora de direitos inalienáveis. Não existe autorização para espancar quem é fora da lei, usuário, etc. O intuito de dispersão para pessoas que precisam de saúde é inaceitável", afirmou a defensora Daniela Skromov de Albuquerque.

5 de outubro de 2012: Morador de rua morto a pedradas em Fortaleza, CE ¹⁴

"Homem foi identificado apenas como Assis; é o terceiro assassinato de pessoa em situação de rua neste ano na Capital. Mais um morador de rua foi assassinado em Fortaleza"

19 de setembro de 2012: Morador de rua é queimado após ser roubado na Asa Norte ¹⁵

"Um morador de rua foi queimado na noite de segunda-feira (17) em uma rua da 709 Norte, em Brasília, após ser roubado por dois homens".

12 de março de 2012: Moradores de rua sofrem violência e desrespeito em São Paulo ¹⁶

[...] Moradores de rua de São Paulo sofrem agressões da Guarda Civil Metropolitana, são espancados por seguranças particulares, desrespeitados e marginalizados. O Vigário Episcopal para o Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo, Pe. Julio Lancellotti, denuncia: essas ações fazem parte de uma política de 'limpeza'.

12 de novembro de 2011: Pastoral do Povo da Rua pede providências contra agressões a moradores de rua ¹⁷

[...] A Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo e o Movimento Nacional da População de Rua participaram de uma sessão da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de São Paulo, nesta quinta-feira (10), para reivindicar providências contra atos de violência da Guarda Civil Metropolitana (GCM) contra moradores de rua,

20 de agosto de 2011: Ato lembra 7 anos de massacre de moradores de rua em São Paulo ¹⁸

¹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/10/pedra-e-utilizada-para-matar-morador-de-rua-em-fortaleza-diz-pm.html>. Acesso em 20/11/2012

¹⁵ Disponível em: <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/noticias/morador-de-rua-e-queimado-apos-ser-roubado-na-asa-norte/> Acesso em 20/10/2012

¹⁶ Disponível em: <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/destaque/pe-julio-denuncia-operacao-espantoso-contra-moradores-de-rua/> Acesso em 20/10/2012

¹⁷ Disponível em: <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/noticias/pastoral-do-povo-da-rua-pede-providencias-contra-agressoes-a-moradores-de-rua/> Acesso em 20/10/2012

¹⁸ Disponível em < <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/page/4/?s=moradores+de+rua>>. Acesso em 20/10/2012

[...] Acenda uma luz com o povo da rua' foi o tema do ato realizado na Praça da Sé na quinta-feira, 18/09, para lembrar os 7 anos do massacre de moradores de rua em São Paulo. O dia 18 de agosto faz referência ao Massacre da Sé, nome pelo qual ficou conhecido o episódio em que sete pessoas que dormiam na praça foram mortas, em 2004. Até hoje, nenhum dos suspeitos foi preso.

Muitas vezes é mais fácil afastar ou queimar, do que encaminhar alternativas de respostas a questão social que envolve os moradores de rua.

Outros até tem compaixão, mas não com a compaixão do pastor e ativista político estadunidense, Martin Luther King que diz que “a verdadeira compaixão é mais do que atirar moedas a um mendigo, é, sim, perceber que um edifício que produz mendigos precisa ser reestruturado” (livre tradução). Quantos visitam nossos trabalhos dominicais e nunca mais regressam por não saberem lidar com essa questão humanitária?

Para aprofundarmos a contextualização da vida nas ruas, procurei me informar com uma pessoa que está intensamente engajada com essa questão social.

Relato do encontro com Pe. Julio Renato Lancellotti , Vigário Episcopal para o Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo (setembro 2011).

Para entender o universo da população em situação de rua, não poderíamos deixar de considerar a experiência que o Pe. Julio Lancellotti tem ao lidar diariamente com essas pessoas no Centro Comunitário São Martinho de Lima, na zona leste de São Paulo. O Centro atende diariamente cerca de 200 pessoas e o Pe. Julio é um dos principais animadores do grupo.

O Pe. Julio confirma muitos dos dados apresentados pela Pesquisa Nacional sobre a População de Rua (MDS 2008), anteriormente apresentada:

- Trata-se de um perfil majoritariamente masculino. No grupo da Praça Roosevelt, temos aproximadamente 95% da população masculina. Quando o questionei, explicou: “São várias questões culturais. A mulher acaba sendo absorvida pelas redes de exploração ou, de outro, mais acolhida por redes de proteção, da família ou de amigos. O homem, menos.”

- A maior parte dessa população é alfabetizada. Encontramos nos nossos encontros, pós-graduados e pessoas que falam fluentemente mais do que um idioma.

- Os diagnósticos mais comuns são de casos de alcoolismo, de usuários de drogas “lícitas e ilícitas”, como prefere ressaltar Pe. Julio Lancellotti, e de doenças mentais.

Ele faz questão de ressaltar de que não se trata apenas de uma questão econômica e declara: “O velho Marx teria que mudar alguns de seus conceitos se dialogasse com a população de rua!”.

Quando falo que Moreno poderia fazer muito pela população em situação de rua. Pe. Julio indaga “Moreno é aquele do role-playing?”. Convida: “Vamos levar um grupo de moradores de rua para comer na chamada ‘comedoria’ de uma instituição e fazermos uma sessão de role-playing?”. Respondo: “Por que não? Parece-me uma boa idéia!”

Em diferentes conversas que tive com o Pe. Julio Lancellotti ficou claro seu parecer de que não se trata apenas de uma questão de “falta de emprego”. É nesse sentido que a psicologia dos encontros dominicais faz sentido para muitos. Em entrevista para o Jornal Brasil de Fato, Pe. Julio declarou

[...] Às vezes até conseguimos emprego para a população de rua e isso não responde. O vazio que eles têm não é um vazio só de trabalho [...] Outro dia um psiquiatra disse o seguinte sobre os 85 [moradores de rua viciados] que a secretaria de segurança pública do Rio de Janeiro internou compulsoriamente: ‘O problema desses meninos não é o crack, é a vida’ [...] O problema da população de rua não é a rua, é a vida.¹⁹ (TAVARES, 2011)

Pe. Julio também destacou que a população de rua sempre existiu, mas que até mesmo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) até o último censo, não a considerou no levantamento estatístico de moradores da cidade de São Paulo. Pe. Julio estima que já exista hoje na cidade de São Paulo cerca de 15.000 pessoas em situação de rua e vê um forte antagonismo entre o crescimento do pólo tecnológico e do mercado de trabalho X crescimento da população de rua:

¹⁹ TAVARES, Joana “O problema da população de rua não é a rua, é a vida” Jornal Brasil de Fato, no. 447, edição nacional, São Paulo, set.2011

[...] Não crescemos no desenvolvimento humano [...] Ficamos mais individualistas, a pós modernidade trouxe uma excessiva carga de subjetivismo, de negação do diferente, ficamos mais sectários, mais intolerantes [...] A população de rua continua sofrendo muito e é um sinal muito claro que a saúde mental da sociedade não vai bem [...] Uma coisa que tem me chamado atenção é que nós hoje sabemos lidar com a parafernália tecnológica, mas não sabemos lidar com uma pessoa difícil [...] A presença do povo da rua põe em xeque nosso discurso [...] A grande mídia não fala mais deles. O pessoal não quer ver essas pessoas. [...] Estamos na cultura do prazer, da climatização, do fone de ouvido. O pessoal quer consumir gente bonita. (TAVARES, 2011)²⁰

Ao ser questionado sobre as políticas públicas, Pe. Julio Lancellotti defende sua opinião de que as políticas públicas sempre serão insuficientes em São Paulo pois formam uma “colcha de retalhos”. Em setembro/2011, Pe. Julio lançava em seus discursos uma campanha pela “moradia obrigatória”, para enfatizar a importância de um lar, de uma referência para todo indivíduo e sua família.

Pe. Julio responde pela Pastoral de rua na cidade de São Paulo hoje. A Pastoral de rua tem duas missões. A primeira está relacionada ao aspecto religioso de conviver, de celebrar juntos, de ter momentos de legítima partilha. Ou seja, de resgatar o indivíduo através de sua religiosidade e de ampará-lo sobre essa égide. A segunda vertente é de lutar e participar do estabelecimento de políticas públicas na cidade. Certamente, a segunda missão é mais desafiadora, mas não mais importante do que a primeira.

Inúmeros estudiosos, entre eles sociólogos, antropólogos, pedagogos, educadores sociais, aprofundaram seus estudos sobre a população de rua e sobre o significado do que é morar nas ruas.

1.3 Sobre o significado do que é morar nas ruas de uma cidade como São Paulo a partir da ótica da Sociologia

²⁰ Idem

Marisa do Espírito Santo Borin ²¹, defende a pertinência de seu tema de estudo com o seguinte parágrafo:

A cidade é hoje a grande protagonista e o palco das transformações econômicas, tecnológicas e das relações sociais, nacionais e internacionais, e ao mesmo tempo, é o locus onde a degradação das condições de vida se acentua, com muita visibilidade, especialmente entre os segmentos sociais mais pobres ²² (BORIN, 2004)

Falamos muito sobre a exclusão social e a estudiosa propõe complementar compreensão do *conceito de 'processo de rupturas sociais'*. Com base na análise de diferentes literaturas de autores como Karl Marx, Émile Durkheim, Serge Paugam, Robert Castel, Norbert Lechner e Sarah Escorel, podemos ampliar a visão sociológica sobre a condição da população de rua. Enquanto que para Durkheim a exclusão parte do rompimento social do indivíduo, para Marx a condição de vulnerabilidade foi causada pela coletividade, por exemplo, com o advento das sociedades pré-industriais onde a população foi expulsa de terras e não conseguiu ser absorvida em sua totalidade pelo movimento industrial capitalista. Em ambas as visões, o indivíduo passa a se encontrar distante da sociedade, de seu trabalho, de seus vínculos familiares, afetivos e, conseqüentemente, encontra-se em um quadro depressivo, de baixa autoestima e de desequilíbrio psíquico-emocional.

Efetivamente, não se trata de um fenômeno social desse século. Tratamos de um fenômeno que sempre existiu na humanidade, antes mesmo do Brasil ser descoberto. Podemos considerar que esse fenômeno passa por modificações ao longo da história e conforme os aspectos socioculturais de cada civilização.

Sociologicamente, podemos identificar diferentes formas que países ou regiões explicam o *fenômeno da pobreza*. A primeira, que a partir da ética do trabalho, identifica na população pessoas que tem “*preguiça de trabalhar*”. A outra explicação é a da *injustiça social*, que implica os poderes públicos na responsabilidade de auxílio aos pobres. Independente da justificativa, o aparecimento de moradores de rua é um fenômeno característico de uma cidade global como São Paulo. Aqui o termo cidade global, faz referência às cidades

²¹ Marisa do Espírito Santo Borin é doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

²² BORIN, M. do E. S., “Moradores de rua em São Paulo: um estudo em construção nas ciências sociais” in Revista Margem Tramas Urbanas, Faculdade de Ciências Sociais Programa de Estudos Pós Graduados em Ciências Sociais e História da PUC/SP. São Paulo, no. 20, p. 58 dezembro 2004.

consideradas estrategicamente importantes para o sistema global, de forma que, qualquer movimento em sua dinâmica política, econômica, sociológica, tecnológica ou cultural interferirá diretamente no contexto mundial. *São Paulo é sim uma cidade global, que tanto importa como exporta moradores de rua.*

Para Giorgetti (2010):

[...] A definição de morador de rua que nos parece mais apropriada [...] é a seguinte: todo indivíduo migrante, imigrante ou nascido em uma grande metrópole, que tem o seu “fundo de consumo [completamente] dilapidado” segundo Pessanha (1983 apud GIORGETTI 2010), e não consegue mais repor tal fundo e prover o seu bem-estar. Após atravessar um momento em que ocorre o afastamento do mercado de trabalho, a desestruturação familiar e o rompimento com as antigas relações que compunham sua rede de sociabilidade (sem falar, na maioria dos casos, da dolorosa experiência do preconceito social), esses indivíduos passam a depender da rede pública de proteção social, quando não se apropriam do espaço público, transformando-o em moradia.²³

Foi entre as décadas de 60 e 70 que no Brasil passou-se a discutir a questão da marginalidade no contexto da modernização da sociedade. Vivíamos a dependência econômica dos ditos países do Primeiro Mundo e a mobilidade da população se deslocando para os grandes centros comerciais em busca de novos empregos. É aqui que Marx apontou suas primeiras críticas ao capitalismo. O lucro não era para todos e a luta de classes entre trabalhadores e patrões era constituinte desse modelo econômico:

[...] Os estudos sobre a periferia de São Paulo – em especial aqueles que retratavam a vida nas favelas e nos cortiços, as formas de resistência da classe trabalhadora, organizada em movimentos sociais, a distribuição e uso do espaço da cidade – foram escritos à luz da teoria do conflito, evidenciando as distorções do capitalismo e suas consequências no processo de produção da cidade.²⁴ (GIORGETTI, 2010)

Para Goldsmith (1994) está claro que nas cidades brasileiras em processo de modernização os benefícios não foram socializados:

[...] Nessas cidades [...] a maioria esmagadora [...] vive em pequenas casas em superpovoados subúrbios operários, em favelas situadas em encostas ou beira de avenidas, em cortiços no centro da cidade, ou sobrevive pelas ruas. Enfrenta longas jornadas diárias de trabalho para receber pagamento escasso, em condições frequentemente perigosas e insalubres. Perde duas a três horas por dia em transporte [...] A maioria dos paulistanos recebe

²³ GIORGETTI, C. Moradores de rua: uma questão social?, São Paulo: Fapesp, Educ, 2010 p. 25

²⁴ idem p. 29

assistência médica ruim e pouca assistência odontológica, quando recebe. Sem entusiasmo ou apoio, mandam seus filhos para escolas públicas subfinanciadas com professores mal treinados e mal pagos, de modo que elas fracassam e abandonam os estudos. Esta, para muitos, é a São Paulo real: uma cidade suja, barulhenta, perigosamente poluída, uma cidade industrial moderna com níveis muito altos de pobreza, doença e mortalidade infantil; uma cidade de opressão, de analfabetismo, de enorme solidão, de violência e de medo.²⁵

Até a década de 90, poucos estudos científicos abordavam a questão do morador de rua. Era mais fácil falar de macroprocessos históricos e estruturais e ao mesmo tempo homogeneizar a classe considerada “marginalizada”. Mesmo os estudos urbanísticos sobre a periferia incluíam os “mendigos” à categoria marxista de lumpemproletariado²⁶. E essa foi a tendência de muitos estudiosos posteriormente que usavam do lumpem para se referenciar às injustiças do sistemas, todavia sem considerar as particularidades dessa parcela marginalizada da população de São Paulo que crescia progressivamente. O próprio termo mendigo, que é eficiente para categorizar o grau de miséria da população, foi usado por muitos sem se pensar no risco da generalização que era provocado. Em seu trabalho, Camila Giorgetti, lista a escassez de pesquisas sobre os moradores de rua. Ou seja, os moradores de rua também foram marginalizados no contexto social acadêmico.

Entre poucas produções, foram destacadas as contribuições sociológicas de Pessanha (1983)²⁷ e Arantes (2001)²⁸. Pessanha (1983) apresentou um panorama da situação da população de rua, referindo-se às rupturas de vínculos, às representações sociais e ao processo de desqualificação social. Já Arantes (2001) inovou ao abordar a subjetividade da população de rua, explorando suas representações sobre trabalho, família e outros. Dimensões essas que são fundamentais para quem constrói alternativas de ação junto à população de rua.

Aqui concluímos a etapa de contextualização e passamos a analisar diferentes movimentos que surgiram em prol de melhorias para a população de rua.

²⁵ GOLDSMITH, W. São Paulo, cidade mundial: indústria, miséria e resistência, in Kowarick, Lúcio (org) São Paulo, passado e presente: as lutas sociais e a cidade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

²⁶ Termo marxista utilizado para referenciar as pessoas que não tinham uma ocupação reconhecida.

²⁷ Pessanha, D. Mendigo, o trabalhador que não deu certo. Ciência Hoje, pp 30-35, jan/fev 1983, Sociedade brasileira para o progresso da ciência

²⁸ Nasser, A.C.A, Sair para o mundo: trabalho, família e lazer na vida dos excluídos, São Paulo: Hucitec, Fapesp 2001

1.4 Movimentos exitosos e experiências comunitárias

Inúmeras instituições e grupos informais desenvolvem um trabalho social focado na situação dos moradores de rua, ou melhor, em pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Entre as diferentes conquistas, apresento alguns movimentos exitosos:

- a) Revista OCAS: no site da própria publicação já encontramos sua melhor definição “A OCAS possibilita que cada pessoa seja o próprio agente de sua transformação”.²⁹ A partir da unificação dos projetos do jornalista paulistano Luciano Rocco e do fotógrafo e jornalista carioca Alderon Costa, a primeira edição da revista OCAS foi realizada em julho 2002 no Brasil. A OCAS é também uma entidade civil sem fins lucrativos. A publicação é realizada por voluntários e vendida nas ruas pela população em situação de risco social. Em outras palavras, é um projeto de cunho jornalístico que, além de abordar temas sobre pobreza e injustiça social, também oferece oportunidades de emprego à pessoas em situação de vulnerabilidade social.
- b) Centros de Apoio e Convivência: que são espaços de esporte e lazer comunitários geralmente localizados embaixo de viadutos centrais da cidade. Trata-se de um movimento social e sustentável. Foram agrupados aparelhos de ginástica, livros, entre outros materiais, que estavam em desuso, e reorganizados em um espaço de livre acesso a população. De forma que temos um espaço que também permite a interação social, ao mesmo tempo que atividades de bem-estar e lazer podem ser realizadas. Exemplos: CAC localizado na rua da Figueira na Mooca (*anexo foto 1*) e CAC localizado na rua do Glicério.

Entre os movimentos que considero exitosos em sua prática, aproximei-me de dois deles com o intuito de conhecer seu funcionamento e poder contribuir com suas ações. *O êxito em ambos projetos está na busca da inclusão social a partir de experiências comunitárias.*

²⁹ Disponível em: <http://www.ocas.org.br/sobre> Acesso em 20/12/2012.

c) SOS na cidade de Jundiaí: é o Serviço de Obras Sociais apoiado pela SEMADS Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. As pessoas são recolhidas nas ruas da cidade através de um transporte próprio do projeto e encaminhadas para uma casa que funciona como um albergue, onde as pessoas podem se banhar, se alimentar e dormir por uma noite. Mas, o serviço não se limita a essas atividades assistenciais. Os participantes são convidados a integrar um projeto de recuperação, onde são levados a morar nas comunidades rurais que levam o nome do projeto Santa Marta. Os moradores desse lar plantam, colhem, pescam, sendo assim responsáveis por seu sustento. Também são atendidos por médicos e psicólogos, além dos trabalhos manuais desenvolvidos por terapeutas ocupacionais. O SOS Jundiaí chegou a acolher um número significativo de pessoas vindas da região da Cracolândia em São Paulo, em janeiro/fevereiro 2012.

d) Missão Belém: é um projeto da igreja católica que existe desde 2005, mas que foi fortalecido em 2012, principalmente com a intensificação do movimento público em prol da extinção da conhecida região da Cracolândia. Como citado anteriormente, a região da Cracolândia, ainda hoje em 2013 concentra o público de usuários e traficantes de crack. Contudo, as iniciativas da Missão Belém conseguiram encaminhar um número significativo de moradores de rua dessa região. É estimado pelo Padre Julio Renato Lancelotti, um número de 230 acolhimentos no período de um ano. Trata-se de um trabalho de *inclusão social* e de *resgate humano*. Não apenas os moradores de rua que viviam um estado de elevado risco foram retirados da rua e encaminhados para um lar. A proposta da Missão Belém é de resgatar o ser humano a partir de uma *experiência comunitária digna*. Nas cinco casas ocupadas hoje apenas no bairro do Belém, zona leste, as pessoas se organizam e dividem as tarefas necessárias para o bom convívio e para a manutenção adequada da casa. Religiosos e voluntários acompanham diariamente a rotina da casa. O êxito da ação também se deve ao fato de que, em diferentes ações organizadas, são os atuais moradores acolhidos pela Missão Belém que saem às ruas da cidade convidando pessoas em situação de risco para aderirem ao projeto e tentarem assim *transformar e dar novo significado a suas vidas*.

Esses movimentos exitosos e essas experiências comunitárias mostram que há sim possibilidades de encaminhamento para a população em situação de vulnerabilidade social.

Partimos do princípio moreniano do “ser-em-relação”, do “homem moreniano que é indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, sendo apto para a convivência com os demais” ³⁰ (GONÇALVES, 1988)

A interação entre os indivíduos surge como possibilidade de transformação.

Tendo refletido sobre a condição de exclusão social na qual se encontra a população em situação de vulnerabilidade social e tendo apontado para um movimento de resgate relacionado à socialização como possibilidade de transformação, passo a apresentar ao leitor o grupo do sopão da Praça Roosevelt.

³⁰ GONÇALVES, Camila Sales Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno São Paulo: Agora, 1988 p. 41

2. O GRUPO DO SOPÃO DA PRAÇA ROOSEVELT EM SÃO PAULO

2.1 Breve histórico do grupo

O primeiro trabalho realizado na praça Roosevelt, localizada no centro da cidade de São Paulo, foi uma iniciativa de Dona Mariazinha, do *Centro Espírita Lar de Jesus*, localizado no bairro de Pinheiros. A proposta inicial desse trabalho sempre foi a de levar alimento para a população em situação de rua. Essa ação social perdura há mais de 35 anos, mesmo após o falecimento de Dona Mariazinha.

Tudo começou quando Dona Mariazinha, na *década de 70*, convocou algumas pessoas do Centro para saírem distribuindo café pelo centro da cidade, sem um ponto previamente determinado. Nesse grupo estava Luís, que integra o grupo até hoje, e que foi responsável pelo relato que originou este registro de recuperação histórica. Vendo o número de moradores de rua que passava frio e fome, um pequeno grupo se formou para semanalmente, durante o período noturno, sair distribuindo café e pão com manteiga. Em certo momento, Dona Mariazinha resolveu mobilizar mais pessoas para ajudar e para começar a fazer a atual sopa, na tentativa de oferecer pelo menos uma refeição semanal saudável a esses moradores. Pão com café os moradores passaram a conseguir sem dificuldade nas padarias que também se multiplicaram pela cidade. Dona Mariazinha organizou os recursos necessários e mobilizou pessoas em busca de todo apoio. Um conseguia os legumes, outro o frango, outro a polenta, outro o óleo e a horta do centro espírita virou fornecedora dos temperos. As panelas já existiam em sua casa e para a distribuição começaram a ser recolhidas caixinhas de leite reaproveitadas. Foram definidos dia, horário e local fixos para a distribuição da sopa: domingo, sempre às 11h da manhã na praça Roosevelt, perto da igreja da Consolação.

É importante mencionar logo de início que, mesmo se tratando de uma iniciativa de Dona Mariazinha, médium de um centro espírita, o grupo não se fechou aos espíritas e não está vinculada exclusivamente ao centro espírita. O pré-requisito para entrar no grupo sempre foi e será a “*vontade de ajudar*”. Evidentemente, há um ritual inicial que passa pela oração, mas se respeitam os que querem orar e os que

não oram por não terem as mesmas crenças. *A religião nunca foi ou será fator determinante*. No grupo atualmente temos católicos, espíritas, evangélicos, anglicanos, umbandistas e ateus.

Antes de continuar a fazer referência ao grupo, proponho a reflexão sobre o emprego do conceito “grupo”. Inúmeras vezes, sob a ótica psicodramática, indaguei-me se podemos mesmo ser considerados como um “grupo”. Encontrei embasamento teórico para tal. Segundo Pichon- Riviere “pode-se falar em grupo, quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúnem em torno de uma tarefa específica”.³¹ (WEFFORT, 1997) Fato é também de que respeitamos nossas identidades e aprendemos a conviver com o outro. E mais, segundo Madalena Freire Weffort (1997)³²:

[...] um grupo se constrói através da constância da presença de seus elementos, na constância da rotina e de suas atividades [...] A vida de um grupo tem vários sabores. No processo de construção de um grupo, o educador conta com vários instrumentos que favorecem a interação entre seus elementos e a construção do círculo com ele. A comida é um deles. É comendo junto que os afetos são simbolizados, expressos, representados e socializados. Pois comer junto também é uma forma de conhecer o outro e a si próprio. A comida é uma atividade altamente socializadora num grupo, porque permite a vivência de um ritual de ofertas. Exercício de generosidade. Espaço onde cada um recebe e oferece ao outro o seu gosto, seu cheiro, sua textura, seu sabor. Momento de cuidados, atenção.

O grupo do “Sopão”, desde seu início, enfrenta *inúmeros desafios*. Para relato histórico, talvez o primeiro desafio foi a resistência apresentada pelo pároco da igreja da Consolação, no final da década de 70. Dona Mariazinha ouviu que “sua atitude não era bem vista”. Não por se tratar de uma iniciativa espírita, mas sim por fazer com que moradores de rua se aglomerassem perto da igreja bem no horário “nobre” da missa de domingo, espantando alguns fiéis da missa. O grupo não se deixou abalar pelo ocorrido e resolveu buscar outro lugar. Foi quando o grupo se mudou para a área bem embaixo da praça, que dá acesso à ligação Leste-Oeste, vulgo “Minhocão”, e que aos domingos fica interditada para veículos. Era o espaço “*isolado*” que precisávamos uma vez que a sociedade não encara suas doenças sociais de frente. Todos se incomodam com os moradores de rua, poucos querem fazer algo de bom efetivamente. E isso vai muito além do sentimento de mera piedade. Quando amigos e familiares perguntam-me: “Você não tem medo de ficar

³¹ Weffort, Madalena Freire “Grupo, Indivíduo, Saber e Parceria: malhas do conhecimento”, série Seminários, São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997, pág 17

³² Idem, pág 24

no meio dessa gente?” Eu sempre respondo: “Tenho medo quando estou distante deles”.

Outro desafio foi o de se formar como grupo e não um mero agrupamento. No início, havia uma grande oscilação de voluntários e também de clientes assistidos – o que dificultava consequentemente a consolidação de vínculos e a segurança na continuidade dos trabalhos.

Mais recentemente, outro obstáculo surgiu quando o então Prefeito Gilberto Kassab outorgou um decreto que impedia a distribuição de alimentos na rua e questionava as condições sanitárias dos mesmos. Por alguns domingos consecutivos, entre os meses de maio e setembro/2012, tivemos que alterar o ponto de distribuição da sopa, além de nos depararmos com uma ronda policial mais dura do que a de costume. Sobrevivemos a mais essa batalha, sabendo que é apenas uma de outras que certamente estão por vir.

A Praça Roosevelt foi reformada e reinaugurada em 30/setembro/2012. Agora estão construindo uma base policial ao lado do viaduto que ocupamos. Não temos certeza sobre nossa permanência no mesmo local.

Esse episódio atual na história do grupo foi crucial para comprovar a união do mesmo e para comprovar que há um *porquê* para estarmos ali que ultrapassa a dimensão assistencial da distribuição da sopa. Nossa dinâmica operacional ajuda-nos a investigar a identidade desse grupo.

2.2 Sobre a dinâmica operacional do encontro dominical

Temos diferentes equipes que compõem o trabalho do sopão: equipes de preparação, equipes de transporte e equipes de distribuição.

As quatro equipes de preparação, compostas em média por cinco integrantes, em sistema de rodízio, preparam a sopa aos sábados pela manhã, nas dependências de um centro espírita. Todos os ingredientes da sopa são doados por diferentes colaboradores.

Existe uma campanha de arrecadação de caixinhas de leite, que são utilizadas para a distribuição da sopa. A entidade que mais arrecada mensalmente caixinhas de leite para a realização do trabalho é uma Congregação Católica de Irmãs.

Há quatro outras equipes de transporte, que também possuem em média cinco integrantes e que também se organizam em sistema de rodízio. Essas são responsáveis por terminar o preparo da sopa aos domingos pela manhã e por transportá-la já aquecida ao ponto de distribuição.

A única equipe de distribuição, da qual faço parte, é composta por 16 voluntários. Somos responsáveis pela distribuição da sopa, juntamente com as bananas e os pães que são comprados em colaboração pelos diferentes membros dessa equipe. Não fazemos rodízio sistematizado, mas nos organizamos para que nunca falte gente para ajudar.

Estamos falando aproximadamente de 60 pessoas que colaboram para com esse trabalho, organizadas de forma voluntária nas diferentes equipes, além dos, digamos, colaboradores financeiros. Nós nos reunimos apenas uma única vez ao ano no mês de outubro. Até *outubro de 2005*, antes da instalação desse encontro anual, poucos se conheciam e mesmo assim conseguíamos cumprir nossa tarefa com êxito. O senso de responsabilidade de cada membro e a dinâmica que criou responsabilidades bem claras e objetivas para cada membro são os fatores que contribuem para o sucesso dessa missão.

O grupo da distribuição, do qual faço parte, é o grupo que tem mais contato com os demais, pois minimamente nosso trabalho cruza com as quatro equipes diferentes que transportam a sopa. Também vale mencionar que nosso grupo de distribuição se reúne todos os domingos, sem rodízio. Essa situação favorece indubitavelmente a formação de vínculos.

Vamos tratar agora das etapas dos encontros dominicais.

Enquanto a maioria dos católicos está na missa nobre na igreja da Consolação, nós nos reunimos por volta das 10h ainda embaixo da Praça Roosevelt.

Estamos ali para receber nossos *clientes assistidos ou clientes da sopa* (vocabulário que elegi para referenciá-los nesse estudo ou clientes da sopa) e esse momento é crucial para o diálogo que mantemos com eles. Vamos distribuindo as caixinhas de leite e naturalmente conversando com os clientes mais assíduos. Por volta das 10h30, já temos aproximadamente *100 pessoas no local*. Denomino essa etapa também de reconhecimento, pois é quando olhamos para o grupo dos assistidos, tentamos perceber como está a dinâmica do grupo no dia (casos de embriaguez ou casos de agressividade, para exemplificar) e quais serão as necessidades pontuais (como por exemplo, quando nos deparamos com um número maior de crianças).

Pontualmente, às 11h chega a equipe de transporte com a sopa. Formamos uma roda em torno dos alimentos (sopa, banana, pão e água), oramos um “Pai-nosso” precedido por uma prece espontânea feita por algum membro mais experiente do grupo. Depois oramos na fila inteira com os clientes, formando uma fila paralela à fila já formada por eles. Alguns oram conosco, outros não oram e outros fogem com medo da fila de oração. As filas se posicionam em posição paralela – já nos trazendo para uma condição de igualdade e de aproximação.

Iniciamos imediatamente a distribuição. Naturalmente, rodiziamos as tarefas: sopeira (quem distribui a sopa para os demais membros da equipe repassarem para as caixinhas de leite), distribuidores da sopa (a partir da quantidade meticulosamente medida pela sopeira e colocada nas jarras individuais, entregamos a sopa nas caixinhas de leite que já estão em posse de nossos clientes), distribuidores de banana, distribuidores de pão, distribuidores de colher, orientadores do lixo, distribuidores de água. Cada um assume sua função.

No final da entrega, quando não há se quer uma gota de sopa, oramos novamente em roda em torno dos galões de sopa. E depois nos sobra mais um tempo para conversarmos com os clientes assíduos.

Ao todo, nosso trabalho leva em média uma hora e trinta minutos.

Após passarmos pelas etapas do encontro é importante colocarmos a lupa sobre as características das equipes de voluntários.

2.3 Características das equipes de voluntários colaboradores

A formação inicial das equipes se deu a partir de escolhas sociométricas que seguiram os critérios de afinidade pessoal e de proximidade geográfica de residências. As equipes estão organizadas conforme se segue:

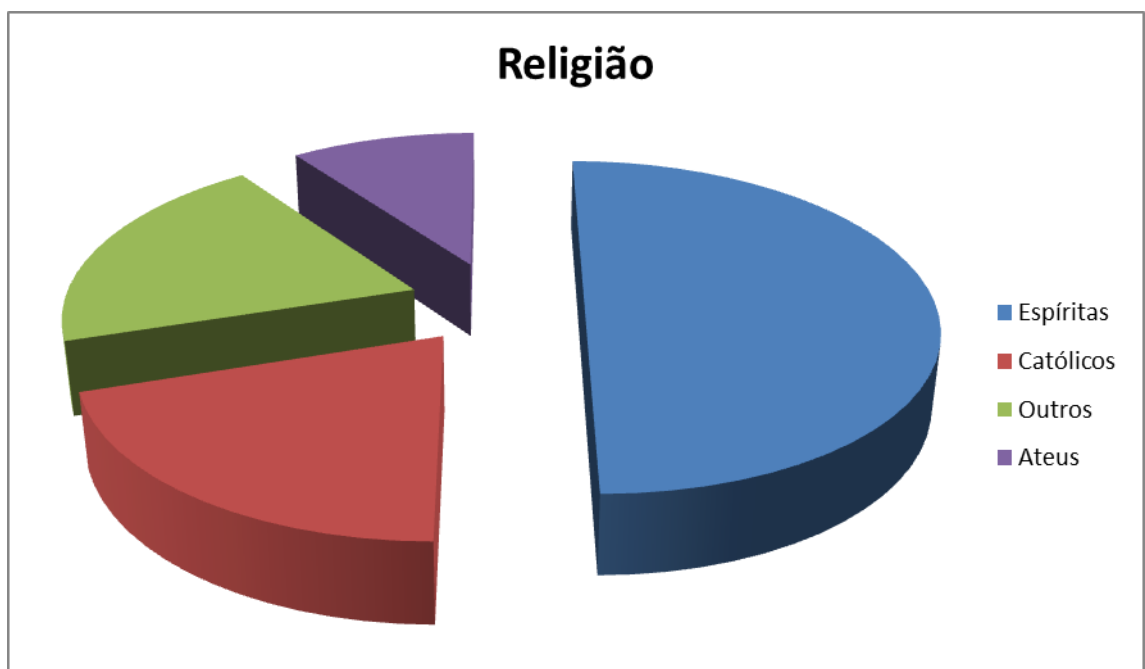
a) *Equipes de preparação*: em sua grande maioria formada por mulheres, muitas esposas e mães dos homens das equipes de transporte. Assumidamente, são pessoas que não estão dispostas a ter contato com o trabalho “na praça”. Algumas pessoas dessa equipe, uma vez por ano na ocasião da comemoração natalina, momento no qual substituímos a sopa por uma succulenta macarronada natalina, comparecem para conhecer os clientes assistidos. Não se sentem à vontade e em seus rostos vemos expressões de medo e de piedade.

b) *Equipes de transporte e de distribuição*: podemos agrupar essas duas equipes uma vez que seus trabalhos são diretamente interdependentes. Após mapeamento sociométrico de nosso encontro, podemos dizer que as pessoas dessas equipes podem ser agrupadas em três grupos diferentes, conforme seu objetivo no trabalho: (1) temos aqueles que estão ali assumidamente para poder dormir com a consciência mais tranquila, (2) aqueles que estão operacionalmente para ajudar e (3) aqueles que já sentem a necessidade de fazer algo a mais. Temos aqui aproximadamente 40 pessoas que realizam o trabalho de forma voluntária. É esse grupo que proponho uma investigação sob o holofote psicodramático, juntamente com o grupo dos nossos “clientes da sopa”.

Mapa sociométrico do grupo “equipe de entrega e de distribuição”

- 50% frequenta apenas 1 vez ao mês (integrantes da equipe de entrega);
- 40% são voluntários assíduos;
- 10% são voluntários flutuantes, em geral amigos ou parentes dos voluntários assíduos;
- A faixa etária do grupo é bem variada (entre 30-80 anos), com uma idade média de 45 anos;

- Equilíbrio entre homens (50%) e mulheres (50%);
- Todos com atividades profissionais não relacionadas diretamente à área social;
- Uma maioria ativa economicamente, com apenas 10% de aposentados;
- Todos moram com suas famílias;
- 50% espírita, 20% católicos, 10% evangélicos, umbandistas e outros, 20% ateus.



O grupo atual é resultado do *cruzamento de diferentes redes sociométricas*. Todos até ali chegaram através de outro integrante do grupo. Não que isso seja uma condição de participação, mas é uma decorrência natural. Para citar, fui convidada a participar do grupo por um amigo que conheci na piscina do SESC. No ano seguinte, amigos do meu antigo emprego se interessaram em ir conhecer o grupo, uma amiga desse grupo permanece até hoje ativamente no grupo dos voluntários assíduos.

Os vínculos efetivamente estão consolidados no grupo de distribuição. Mesmo tendo vidas anônimas, como descreverei mais adiante, compartilhamos questões pessoais importantes, como problemas de saúde, situações delicadas no ambiente de trabalho e casos amorosos. Nossas vidas são muito diferentes. O

vínculo no grupo se dá pela causa em comum, pela vontade de ajudar e pela forte atitude solidária perante o outro. Isso é o que une e fortifica o grupo. É a coesão grupal motivada pelos valores éticos: responsabilidade, generosidade e solidariedade. Não conseguimos nos encontrar em um bar para festejar algo, mas, vale citar que recentemente um integrante muito querido do grupo iniciou um sofrível tratamento de câncer na garganta e que nesse momento, praticamente todas as pessoas do grupo foram visitá-lo no hospital. Falamos de um vínculo responsável. Não há um regimento a ser cumprido, mas, para exemplificar a força desse vínculo, se um membro da equipe tiver que se ausentar, naturalmente ele comunica alguém do grupo. Ou seja, não há ausência sem aviso prévio. Isso impede que tenhamos um imprevisto com uma possível ausência em massa dessa equipe.

Passemos agora para o grupo dos clientes assistidos.

2. 4 Características do grupo de clientes assistidos

Temos um universo de *200 clientes assistidos* pelo trabalho. Retomemos alguns dados principais do perfil apresentados anteriormente:

- 95% são homens, entre 30-60 anos no máximo;
- 50% possuem família;
- 80% são clientes assíduos da sopa, 15% são clientes completamente flutuantes e 5% não estão necessariamente em situação de vulnerabilidade e vem apenas pelo alimento doado;
- mais de 70% são alcoólatras, dependentes químicos e fumantes;
- apenas 20% moram efetivamente nas ruas, 80% moram em conglomerados urbanos: pensões, cortiços, ocupações ilícitas e casas de prostituição.

No caso dos clientes flutuantes, encontramos adolescentes abaixo da faixa etária média dos demais participantes do grupo (14-16 anos), que fazem parte do mundo da Cracolândia. Esses sempre chegam atrasados, quando não raramente

temos já pouca sopa para distribuir. Em tentativas de aproximação, com a esperança de fazer com que eles cheguem no horário para comer minimamente bem uma vez na semana, os adolescentes prometem uma mudança de comportamento, mas raramente conseguem cumprir com a palavra dada e não frequentam o grupo com assiduidade. Outro perfil do cliente flutuante é o do emigrante do interior de São Paulo ou de cidades do Nordeste que veio para São Paulo na busca de uma mudança radical de vida. Enquanto não consegue se organizar na nossa metrópole, passa a frequentar o grupo do sopão apenas por um período de média duração para se alimentar gratuitamente.

Sabemos que é preciso muito mais para mudar o mundo da Cracolândia, o mundo dos emigrantes, o mundo do êxodo rural e até o mundo dos aproveitadores. Singelamente optamos por começar pelo mundo dos nossos clientes assíduos, com os quais conseguimos também criar vínculos e até provocar micro mudanças sociais e emocionais em suas vidas.

Com esse subgrupo dos clientes assíduos conseguimos comemorar seus aniversários, festejar suas conquistas: o filho que nasceu, a carrocinha que outro conseguiu trocar por um modelo melhor e a vaga na escola esperada para a filha. Também conseguimos passar orientações médicas, sanitárias e previdenciárias. Temos no grupo um advogado aposentado que orienta os clientes assíduos a conseguir pedido de aposentadoria por invalidez ou por idade. *Nossos clientes assíduos são aqueles que nos autorizaram a entrar em suas vidas.*

Passamos a construir diálogos e iniciamos a busca conjunta pelo atendimento de suas diferentes necessidades, criando assim vínculos consistentes.

Se falamos de relações, de vínculos e de papéis, chegamos ao Psicodrama. Contudo existem outras inúmeras razões que aproximam Jacob Levy Moreno, pai do Psicodrama, à população em situação de vulnerabilidade social da cidade de São Paulo.

3 PSICODRAMA NAS RUAS

3.1 Por que vincular o Psicodrama de Moreno ao trabalho com os moradores de rua?

Nada melhor do que o epitáfio de Jacob Levy Moreno (1889-1974) para apresentá-lo: “Aqui jaz aquele que abriu as portas da Psiquiatria à alegria” ³³ (GONÇALVES, 1988)

[...] Moreno considerava o advento da Psicoterapia de Grupo, do Psicodrama e da Sociometria como a terceira revolução psiquiátrica, após a primeira revolução com Philippe Pinel que, em 1772, na Revolução Francesa, soltou as correntes dos alienados, tratando-os com humanidade, e o surgimento da Psicanálise de Sigmund Freud, que se constituiu na segunda revolução ³⁴ (GONÇALVES, 1988)

Moreno vivenciou distintas experiências nas ruas e com grupos em situação de vulnerabilidade social.

Entre 1907 e 1910, Moreno, acompanhado por alguns colegas com as quais compartilhava alguns ideais na época e com os quais fundou a “Casa do Encontro” e o culto denominado “A Religião do Encontro”, viveu pelas ruas de forma simples como os mais pobres e jogava com as crianças pelos jardins de Viena. A religiosidade marcou significativamente essa fase na vida de Moreno. Religiosidade essa que sempre foi uma mescla de crenças judaicas e cristãs, além de uma incessante busca espiritual.

A Casa do Encontro passou a acolher, a partir de 1909, novos imigrantes e refugiados de guerra e mantinham o anonimato dessa iniciativa. “Numa placa estava escrito: “Vinde a nós, vós de todas as nações. Aqui vos daremos abrigo.” ³⁵ (MARINEAU, 1992). Os caminhos dos integrantes foram se encaminhando para

³³ GONÇALVES, Camila Sales Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno São Paulo: Ágora, 1988 p. 17

³⁴ idem

³⁵ MARINEAU, René F Jacob Levy Moreno, 1889-1974: Pai do Psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo [tradução de José de Souza Mello Werneck] – São Paulo: Ágora, 1992 pág. 41

direções distintas e a Casa foi fechada por volta de 1914. Vale mencionar que essa fase de religiosidade intensa e caridade na vida de Moreno foi fundamental para “desfazer o seu comportamento narcisista egocêntrico” ³⁶ (MARINEAU, 1992).

Essa foi uma experiência marcante para Moreno no que tange o reconhecimento dos agrupamentos sociais e as dinâmicas grupais.

[...] Eu tinha a ideia fixa de que um único indivíduo não possuía autoridade, de que devia tornar-se a voz de um grupo. Deve ser um grupo, o novo mundo deve sair de um grupo. Portanto, saí por aí, para encontrar amigos, seguidores, gente boa. Minha nova religião do ser, da própria perfeição. Era a religião da ajuda e da cura, pois ajudar era mais importante do que falar. Era a religião do silêncio. Era a religião do fazer alguma coisa por ela mesma, sem recompensa, sem reconhecimento. Era a religião do anonimato (Autobiography, 1985, cap. 2 13-17 apud MARINEAU, 1992) ³⁷

Essa fase antecedeu sua fase mais relacionada à cientificidade.

Esse trecho da autobiografia de Moreno nos remete ao trabalho realizado por nosso grupo. *Somos um grupo que segue a religião da ajuda, do silêncio e do anonimato.*

Enquanto estudante de Medicina, Moreno também atendeu diferentes crianças e as encaminhou para uma experiência teatral como caminho de *cura*. Moreno desenvolveu suas habilidades como um mestre que prezava pela experiência global. Mas, sua experiência com crianças antecede esse episódio. Ainda por volta de 1908, Moreno apreciava passar pelo Augarten, parque familiar em Viena.

[...] Um dia estava passeando pelo Augarten, perto do palácio do Arquiduque, onde vi um grupo de crianças a vadiar. Parei e comecei a lhes contar uma estória. Para minha surpresa, outras crianças interromperam seus brinquedos e vieram juntar-se a nós, bem como babás com seus carrinhos, pais e mães e também policiais a cavalo [...] Não era tanto o que lhes contava, o conto propriamente dito, era o ato, a atmosfera de mistério, de paradoxo, o irreal virando real [...] As crianças formavam um círculo, um segundo círculo atrás do primeiro, um terceiro atrás do segundo, muitos círculos concêntricos. O céu era o limite (Who Shall Survive? 1953: XVIII apud MARINEAU, 1992) ³⁸

A influência de Moreno sobre as crianças foi tamanha que o mesmo passou a ser investigado e procurado pela polícia e até mesmo pelos administradores

³⁶ Idem pág. 46

³⁷ Idem pág. 47

³⁸ Idem pág 51

escolares. Jogos, histórias e até um grupo de teatro para crianças foram criados. Essa foi a invasão de Moreno na época. Ou melhor, a invasão das crianças do mundo do criador do Psicodrama. Por conta da guerra e das resistências, o trabalho com as crianças foi, infelizmente, interrompido.

[...] Atrás do disfarce de contar histórias de fadas às crianças eu estava tentando plantar as sementes de uma pequena revolução criadora [...] Aos poucos foi ficando claro para mim que deveria deixar o reino das crianças e passar-me para o mundo, o vasto mundo, mas é claro sempre conservando a visão que o trabalho com as crianças tinha me dado [...] As crianças eram meus modelos, tentasse eu prever uma nova ordem das coisas ou criar uma nova forma. Quando entrava numa família, numa escola, numa igreja, num edifício do Parlamento ou em qualquer outra instituição social eu me rebelava. Sabia quão distorcidas nossas instituições tinham se tornado, mas tinha um modelo pronto para substituir os velhos: o modelo da espontaneidade e da criatividade, aprendido com a proximidade que tive as crianças (Autobiography, 1985, cap 2:34 apud MARINEAU, 1992)³⁹

Por volta de 1913, Moreno também iniciou um trabalho com as prostitutas em Viena, acompanhado por outros profissionais, para ajudá-las a resgatar seus princípios e direitos de cidadania. A experiência adquirida por Moreno, após a sucessão de encontros com as prostitutas marcaram sua história. Foi nesse momento em que Moreno chegou à conclusão de que “um indivíduo poderia vir a ser um agente terapêutico para o outro”.⁴⁰ (MARINEAU, 1992)

[...] Viena tinha nessa época um bairro de luz vermelha, um gueto de prostitutas, no primeiro distrito situado no famoso Am Spittelberg. Ali havia toda uma classe de pessoas segregadas do resto da sociedade, não por seu aspecto religioso ou étnico, mas por causa de seu tipo de ocupação (...) Essas visitas não eram motivadas pelo desejo de “reformatar” as garotas, nem de “analisa-las”. Suspeitavam logo disso, porque as associações católicas de caridade em Viena tinham frequentes vezes tentado intervir em suas vidas (...) Tinha em mente o que La Salle e Marx tinham feito pela classe trabalhadora (pondo de lado o aspecto revolucionário do movimento operário), que era fazer com que os trabalhadores se tornassem respeitados, dar dignidade ao homem que trabalha, organizá-los em sindicatos operários para melhorar a condição de toda a classe. À parte as realizações econômicas previstas acompanharam-se as realizações éticas. Eu tinha em mente que algo semelhante podia ser feito pela prostituta. (Who shall survive, 1953, XXVIII-XXX apud MARINEAU, 1992).⁴¹

³⁹ MARINEAU, René F Jacob Levy Moreno, 1889-1974: Pai do Psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo [tradução de José de Souza Mello Werneck] – São Paulo: Ágora, 1992 pág. 53

⁴⁰ Idem pág 54

⁴¹ Idem pág. 54

Vale mencionar também o trabalho que Moreno desenvolveu, já no final da década de 30, na prisão de Sing Sing, nos Estados Unidos. Esse trabalho marcou os primórdios da sociometria. O conhecido quociente social, resultado de uma série de entrevistas e pesquisas realizadas por Moreno com os detentos, fundamentou propostas de melhoria no seio dessa comunidade social formada na prisão.

Compreendo que houve complementaridade entre as fases de Moreno – da religiosidade, da cientificidade, teatral - e que a experiência nas ruas com a população em situação de vulnerabilidade social *humanizou* o desenvolvimento do trabalho de Moreno.

Resumidamente, podemos considerar que Moreno agregou religiosidade, conhecimento científico multidisciplinar, para citar a Medicina, a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia e conhecimento artístico teatral a sua índole espontânea de olhar o outro e de se perceber parte significativa de um todo indissociável.

Contudo, pensar sobre a teoria moreniana psicodramática no contexto de grupos em situação de vulnerabilidade social, não apenas faz sentido por essa essência histórica biográfica. *É a expressão de seu compromisso ético e do potencial transformador de sua teoria e de sua metodologia que aproximam Jacob Levy Moreno do grupo do sopão da Praça Roosevelt.*

Assim como constata Pierre Weil (2002):

[...] o constante exercício da inversão de papéis obriga-nos a cultivar o diálogo com empatia, em que é preciso compreender profundamente o outro “ver pelos seus olhos”, conforme um famoso poema de Moreno. Ao fazê-lo, está se colocando o amor e a compaixão em ação.⁴²

O trabalho com os moradores de rua ganha novo sentido e valor quando observado pela ótica moreniana e articulados à compreensão histórica, econômica e social.

Quantas pessoas olham de “igual para igual” para essas pessoas que estão na rua? Quantos se colocam em seus lugares verdadeiramente?

⁴² WEIL, PIERRE prefácio A ética nos grupos: contribuição do Psicodrama – São Paulo : Ágora, 2002 p. 7

3.2 Podemos falar de ética moreniana nesse trabalho?

“A ética do Psicodrama tem que ser a ética da espontaneidade, tão valorizada por Moreno, uma ÉTICA DO CORAÇÃO” ⁴³ (WEIL, 2002)

[...] Discutir ética em Moreno é debater aspectos essenciais da ética das relações humanas, a ética do encontro, não desconhecendo o conflito permanente entre os sentimentos do bem e do mal (...). Cada um servindo como instrumento de diagnóstico, bem como de agente terapêutico, atribuindo-se a todos a função agregadora, operativa e de eficiência simbólica da cura. ⁴⁴ (ALMEIDA, 2002)

Moreno conseguiu pensar a ética teoricamente e colocá-la em prática através da ação. O trabalho do sopão tem uma premissa: a existência de um encontro semanal ininterrupto entre um grupo de pessoas que estão dispostas a se relacionar de uma forma diferente.

A partir desse encontro é necessário que todos do grupo – voluntários ou assistidos – saibam *conviver, falar, escutar, lidar com as emoções, respeitar e que queiram, em todos os sentidos, humanizar*. A questão ética está na ação que o grupo constrói enquanto se encontra e realiza o objetivo para o qual se reúne.

A ética nesse contexto permeia o *filtro da humanização*. Ser ético envolve considerar que estamos tratando com pessoas que têm muitas fomes. Fome não apenas do alimento físico, fome de gente, fome de trabalho, fome de brincar, fome de estudar, fome de saúde, fome de oportunidades, fome de espaço na sociedade, fome de um projeto de vida, fome do outro, fome de dignidade, entre muitas outras fomes que nem conseguimos mencionar.

Passaremos agora pelos principais momentos psicodramáticos do grupo.

3.3 Psicodrama líquido

Tivemos um primeiro momento lúdico, em nosso local habitual de encontros, em um domingo do mês de agosto do ano 2011. Quando estávamos com todo o

⁴³ Idem p. 7

⁴⁴ ALMEIDA, W. C. Três éticas no pensamento e na ação de J.L. Moreno in WEIL, PIERRE prefácio A ética nos grupos: contribuição do Psicodrama – São Paulo : Ágora, 2002 p. 67

cenário habitual pronto para iniciarmos o trabalho, fiz aleatoriamente a seguinte pergunta para diferentes participantes do nosso grupo: você tem fome de que?

A proposta foi de lançar uma pesquisa-ação psicodramática para instigar a reflexão e coletar as primeiras respostas espontâneas do grupo. Para isso, tomei como base o trabalho realizado por Cida Davoli, Psicodramatista.

Identifiquei-me com o trabalho realizado por Cida Davoli primeiramente por compartilharmos do mesmo cenário. Essa realizou, o que Devanir Merengué ⁴⁵ batizou de Psicodrama líquido, no Parque Municipal Américo René Giannetti, em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 12 de junho de 2004, onde seu desafio era fazer um Psicodrama nas ruas, com a comunidade em cena, em um local de passagem com baixo tempo de permanência da plateia.

[...] Essa técnica intenta capturar e emoldurar imagens instantâneas (fotogramas) de nossa modernidade fragmentada e acelerada, de eventos diários e conflitos que ocorrem nos espaços públicos registrando grandes cidades e criando um palco aos pés dos atores urbanos [...] é uma ética cidadã pela promoção de encontros, segundo DAVOLI (2009 apud FIGUSH, 2009) ⁴⁶

É importante mencionar o conceito de Bauman ⁴⁷ sobre modernidade líquida:

[...] Bauman lança o conceito de modernidade líquida como um momento em que a sociabilidade humana experimenta uma transformação que pode ser sintetizada nos seguintes processos:

- a metamorfose do cidadão, sujeito de direitos, em indivíduo em busca de afirmação no espaço social;
- a passagem de estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e competição;
- o enfraquecimento dos sistemas de proteção estatal às intempéries da vida, gerando um permanente ambiente de incerteza;
- a colocação da responsabilidade por eventuais fracassos no plano individual;
- o fim da perspectiva do planejamento a longo prazo e
- a iminente apartação total entre poder e política.

O trabalho de Cida Davoli (2006) foi inspirador:

⁴⁵ Devanir Merengué é psicoterapeuta e Psicodramatista.

⁴⁶ DAVOLI, C. Psychodramatic scenes: liquid psychodrama, In FIGUSH Z (org) From one-to-one psychodrama to large group sócio-psychodrama. Reino Unido: edição do autor, 2009 pág. 226-38

⁴⁷ Bauman, nasceu na Polônia em 1925. É sociólogo e tem um histórico de vida que passa pela ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial, pela ativa militância em prol da construção do socialismo no seu país sob a direta influência da extinta União Soviética e pela crise e desmoronamento do regime socialista. É professor emérito de sociologia da Universidade de Leeds.

[...] O Psicodrama na rua pretende colocar molduras em alguns desses acontecimentos passageiros e cotidianos que acontecem no espaço público
 [...] O Psicodrama de rua, então, ressignifica a rua, a cidade como um espaço onde pessoas estranhas, que transitam com suas histórias e vulnerabilidades próprias, possam, por um instante, se encontrar.⁴⁸

No trabalho que realizei, assim como Cida Davoli, partimos de uma pergunta iniciadora: “Você tem fome de que?”, contudo, não demos sequência às demais etapas que caracterizariam uma vivência psicodramática. Por isso proponho pensar em um episódio de Psicodrama líquido.

As diferentes manifestações espontâneas dos participantes no papel de voluntários nesse dia foram:

-“De paz de espírito” – Jair

-“Sei lá.. ai meu Deus.. de felicidade” – Maurília

-“De paz também... de paz no mundo” – Wilma

-“Tenho fome de tudo. Um pouco de cada coisa. A gente pode ter um pouco mais de tudo. [Indagação adicional: Por que você vem aqui realizar esse trabalho de distribuição da sopa:?). “Por vários motivos faz sentido, mas principalmente pelo sentido espiritual” – Augusto

-“Fome de mais paz no coração das pessoas. Aqui eu busco minha paz interior. [Indagação adicional: o que significa para você vir fazer esse trabalho todos os domingos?] “Um presente que Deus está me dando para eu começar minha semana após o dia da sopa.” – Reinaldo

- “Fome... [de comida?] Não de compreensão, de organização” – Eduardo

- “De felicidade, de paz.” [Indagação adicional:o que significa para o senhor vir aqui todos os domingo?] “Um grande hobby. Faz melhor para mim do que para o próprio pessoal que vem até aqui. Faz muito bem para a gente. Sinto-me muito bem.” – Sr. Reinaldo

E as manifestações dos participantes no papel de clientes assistidos:

- “Fome? Enquanto vocês estiverem presentes aqui não existe fome para mim”.

⁴⁸ DAVOLI, C. Cenas psicodramáticas: Psicodrama líquido in Revista Brasileira de Psicodrama, v. 14, no. 1, ano 2006, edição bilingue, p. 85

(anexo foto 3)

- “Fome? Fome do Evangelho, da palavra de Deus”.
- “De ter um futuro melhor”.
- “De vencer. De vencer na vida.”
- “Quando eu estou aqui, não tenho [fome]”.

O grupo dos clientes assistidos respondeu de forma mais relaxada e descontraída do que os voluntários. Enquanto os voluntários se retraíam mais e se preocupavam em falar para a câmera (pois fiz o registro audiovisual desse momento com autorização prévia verbal) os clientes assíduos nem se levantavam e respondiam com muita tranquilidade, sem intimidação.

Para Moreno (1975):

[...] a vida de um homem pode ser, em suas expressões e manifestações sociais, inteiramente rotineiras, mas os seus contemporâneos e amigos, considera-la extraordinária, por causa do sabor particular que ele é capaz de incutir aos atos cotidianos mais triviais, por exemplo, ao caminhar, comer, estudar, bater papo e fazer amor.⁴⁹

Com os encontros dominicais nos preocupamos em dar justamente “esse sabor particular” para a sopa.

A partir dessa vivência, podemos concluir que a sopa não é o que move os encontros dominicais. Tanto voluntários como assistidos dão diferentes significados ao encontro. Significados esses que comprovam as diferentes fomes humanas, não necessariamente a fome física.

O encontro dominical é também momento de interação. Aqui cabe retomarmos a possibilidade de transformação a partir do ser-em-relação, mencionada anteriormente nos contextos de dois movimentos exitosos de resgate da população de rua.

Considero que esse episódio de Psicodrama líquido foi um aquecimento para o *axio-sociodrama* que veio a acontecer *a posteriori*.

⁴⁹ MORENO, J. L. Psicodrama, São Paulo, Editora Cultrix, 1975, p. 140-142

3.4 O homem como ser-em-relação, papel social e átomo social

“Quanto maior o preconceito negativo com relação ao morador de rua, menor a possibilidade dele ter reconhecida sua cidadania” ⁵⁰ (GIORGETTI, 2010)

Proponho mais um passo além da constatação da autora. Quanto menos papéis sociais exercer e quanto menor sua capacidade de expansividade emocional, menor ainda são as condições de uma pessoa em situação de rua passar por um processo de transformação real e ter um papel social reconhecido.

Para Moreno:

[...] antes de termos um “eu”, desempenhamos papéis socioculturais. Somos “obrigados” a viver uma vida intermediada por símbolos construídos historicamente pelos indivíduos e grupos de nossa sociedade. A identidade é a inclusão total da mente humana na mente coletiva, ou a mente coletiva inserida na mente humana. Assim, por exemplo, antes de um indivíduo se definir como “judeu”, “negro” ou “médico”, ele vive em seu corpo (de maneira assemântica e pré-psíquica) a experiência sociodinâmica de ser judeu, negro ou médico e se torna “um” em cada um desses grupos sociais (MORENO, 1974). Eis aqui o princípio da existência: a coexistência, o pertencer. ⁵¹ (NERY, 2010)

[...] A afetividade tem poderosa influência no exercício do poder e o desenvolvimento de novos papéis demonstra o que Naffah Neto (1997) já nos afirmara: os papéis sociais são históricos; eles reproduzem as relações de conflitos sociais. ⁵² (NERY, 2010)

O fundamento inicial de nosso trabalho com o grupo do sopão refere-se à possibilidade de ajuda-los a pensar sobre seu papel social, chegando, muitas vezes, a ajuda-los a claramente desenvolver novos papéis, por exemplo, quando conseguimos fazer com que um cliente assistido ganhe um novo papel passando a ser um ajudante do trabalho de distribuição da sopa, como veremos mais detalhadamente a seguir.

Podemos considerar que nosso trabalho dominical com o grupo tem a intenção de combater o projeto de vida de carreira de assistido como conceituou

⁵⁰ GIORGETTI, Camila Moradores de rua: uma questão social? Reimpr. São Paulo: Fapesp, Educ, 2010, p. 20

⁵¹ NERY, Maria da Penha e MARRA, M. M. Inclusão social e sociodrama in Sociodrama um método, diferentes procedimentos, São Paulo: Ágora, 2010 p. 185

⁵² Idem p. 189

Paugam (2003) ⁵³. A sopa serve como objeto intermediário do trabalho. Ou seja, como uma tarefa que reúne o grupo. Enquanto a distribuição da sopa é realizada, a ação de transformação, que é a proposta primária fundamental, é estimulada. Daí, o sentido da pesquisa-ação feita com esse grupo através do Psicodrama líquido.

Partimos do princípio de igualdade, por mais difícil e inviável que pareça. Ali, naquele momento, somos iguais e temos necessidades semelhantes de conviver com o outro. Não demonstramos melhores condições econômicas, não damos dinheiro e, principalmente, não tomamos uma atitude de superiores. Os voluntários não são melhores do que os assistidos, ou de como o próprio grupo optou por denominar, os “clientes da sopa”. Fisicamente, nos posicionamos assim no início da oração/ vibração coletiva: são filas paralelas próximas, como mencionamos anteriormente. A medida que fomos desenvolvendo nosso trabalho de identidade e valores entre o grupo de voluntários, começamos a conscientemente tomar cuidado com esse detalhe tão importante. O mostrar proximidade, que se opõe ao cotidiano afastamento com o qual eles estão acostumados, e manter o contato do olhar constante, e não o habitual olhar em fuga, fortalecendo nosso vínculo. Compreender a população em situação de vulnerabilidade social fez com que o grupo de voluntários se tornasse mais atento aos detalhes da ação.

A próxima etapa do nosso trabalho consiste em buscar estimulá-los a construir novas atitudes em prol da mudança. Propomos uma inversão de papéis em sua essência. Nesses mais de 8 anos de trabalho, conseguimos trazer muitos deles para o grupo dos voluntários. A maioria deles hoje não vai ao nosso encontro por conta da alimentação gratuita, mas sim pelo momento excepcional de socialização proposto. Nosso ideal é que esses clientes da sopa hoje queiram deixar de receber apenas a alimentação e passem a querer fazer parte do outro grupo, o grupo dos voluntários, encontrando assim novas motivações até para o trabalho remunerado.

Pensando sobre papéis sociais, podemos constatar que os voluntários desempenham com esse trabalho no sopão um papel social. As diversas equipes, com o tempo, entraram em uma ‘sintonia perfeita’ de trabalho. Após a oração, naturalmente, cada um elege sua função do dia conforme as tarefas descritas

⁵³ PAUGAM, SERGE A desqualificação social ensaio sobre a nova pobreza São Paulo: Editora da PUC/SP, 2003, p. 126

anteriormente, sem a existência de conflito. Percebe-se que essa é uma manifestação espontânea criativa.

Cada um dos voluntários colaboradores assume um novo papel em suas vidas, um papel social, sendo que os diversos outros papéis (papel profissional, papel de pai/mãe, papel de filho/filha, papel de neto/neta, papel de médium, papel de amigo) praticamente ficam no anonimato, ao mesmo tempo em que se alimentam com o exercício desse novo papel de voluntário. O que une os voluntários é justamente a importância que esse papel social tem na vida de cada um. Depois de muito tempo, fomos nos conhecendo melhor. Afinal, grupo é constância e regularidade. A proposta de vivência psicodramática com o grupo de voluntários que será apresentada a seguir também está focada no objetivo de heteroconhecimento.

Considero nessa análise também o conceito atual de papel proposto pelo Prof. Dr. Anibal Mezher ⁵⁴ : “modelo prescrito pela sociedade que é desempenhado de modo particular em determinada interação humana”.⁵⁵ Ou seja, é a partir das relações e das interações humanas que os sujeitos desempenham seus papéis sociais, considerando-se a complementariedade de papéis, por exemplo, na relação voluntários e clientes da sopa.

Constato aqui três pontos importantes. Primeiramente, quando estamos fazendo o trabalho do sopão estamos ali inteiros em nosso papel social do momento, assim como prezava Moreno, vivendo plenamente o momento presente. Em segundo lugar, destaco a dimensão que esse papel social tem na vida dos voluntários. Chego a uma terceira conclusão. Sempre dizemos que não apenas ajudamos, mas somos ajudados quando a realidade do outro nos convida a refletir sobre a nossa realidade, não necessariamente na dialética do melhor e do pior, mas sim em enxergar no outro esperança. Esse trabalho social nos mostra que questões difíceis existem na vida de todos. A diferença está na forma como cada um enfrenta e reage a essas dificuldades. É a perplexidade diante da impotência que por vezes nos alimenta. Muitas vezes fui ajudada pelos nossos próprios clientes da sopa. Dias nos quais a solução para o meu conflito do momento parecia distante, a palavra de

⁵⁴ Anibal Mezher é psiquiatra e Psicodramatista. Foi presidente da Sociedade de Psicodrama de São Paulo e é professor do curso de formação em Psicodrama, convênio SOPSP-PUC/SP.

⁵⁵ Anotação de caderno durante aula ministrada pelo Prof. Dr. Anibal Mezher no segundo semestre/2009.

um, o olhar de outro e o escutar “boa semana” surgiam como um abrir caminhos para mim. Em outros momentos mais críticos, alguns vinham me perguntar com todas as letras, praticamente como um membro de minha família o faz: “Ei! O que está acontecendo com você hoje?”.

Nesse momento, pergunto-me: quantos papéis cada cliente assistido desempenha em sua vida? Em raros casos, consigo visualizar um deles desempenhando diferentes papéis. Posso citar o caso de Cícero que é “cliente fiel do sopão e colaborador desempenhando função na equipe de limpeza”, “pai de Luana, Lucas e Luane”, “marido de Vera”, “catador de papel” e “líder comunitário”. Mas, encontramos também o caso oposto, de Vitor que é apenas “morador de rua”. Todos esses clientes assíduos, às 11h aos domingos, estão em nosso ponto de encontro e assumem o papel de integrantes do grupo do sopão. Suponho que esse papel talvez seja um dos poucos desempenhados por muitos deles.

Se para Moreno, o ego e a identidade se estruturam através do desenvolvimento dos papéis que são tangíveis, como estará a identidade de nossos clientes da sopa? Constatamos que o efeito *cluster* (cachos de papéis) recebe uma acentuada restrição. Quando constatamos que o efeito cachos de papéis, proposto por Moreno e expandido por Bustos (2005), está relacionado ao “agrupamento de papéis, desempenhados de forma isolada, em padrões semelhantes”⁵⁶, percebemos que os clientes da sopa desempenharam papéis de maneira comprometida, desde sua infância. Ou seja, a matriz de identidade dos clientes da sopa foi construída sob alicerces fracos e isso compromete o histórico de vínculos do indivíduo.

A conserva cultural criou o papel de “mendigo” ou de “morador de rua” para nossos clientes. *Mas, será que eles reconhecem a existência desse papel ou vivem em conflito constante com eles? Será que lhes restou apenas esse papel?*

Como bem reforça Portuondo (1971) em sua obra, “para Moreno, a personalidade deve ser concebida e estudada em seu próprio meio ambiente e através das relações interpessoais com os personagens que o compõem”.⁵⁷

⁵⁶ BUSTOS, D. O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática, São Paulo: Ágora, 2005 p. 355

⁵⁷ PORTUONDO, J.A. “El test sociométrico” Madrid: Biblioteca Nueva, 1971 p. 13

A partir do momento em que o grupo de voluntários insere-se no considerado “meio ambiente” da Praça Roosevelt, somos uma nova referência nesse cenário. Desenvolvemos vínculos interpessoais com todos do grupo. Acredito, assim, que contribuímos como um novo elemento no seu átomo social, que por vezes é limitado. Entendendo-se aqui que:

[...] Para Moreno átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento. Em sua origem, compreende a mãe e o filho. Com o correr do tempo vai aumentando em amplitude com todas as pessoas que entram no círculo da criança e que lhes são agradáveis ou desagradáveis e para as quais, reciprocamente, ela é agradável ou desagradável. As pessoas que não lhe causam impressão alguma, nem positiva nem negativa, ficam fora do átomo social como meros ‘conhecidos’ [...] o átomo social de um indivíduo vai tão longe quanto a sua tele-sensibilidade ⁵⁸ (GONÇALVES, 1988)

Segundo Garrido (1996):

[...] O nascer em situação grupal é de tamanha influência para a personalidade que, segundo Moreno, determina seu psiquismo (...) Por isso, quando raramente fala sobre os componentes da personalidade humana, Moreno atribui fundamental importância à sua dimensão social (...) O social é constituinte da própria personalidade. Filosoficamente falando, ser sociável pertence à essência do homem. ⁵⁹

Nosso grupo é uma possibilidade de socialização, e de socialização diferenciada, aquela motivada não pela compaixão ou pelo sentimento de piedade, mas sim pelo sentimento de humanidade e pela compreensão de que, a partir do momento em que não vivemos solitários nesse mundo, devemos sim nos entender responsáveis pelo outro.

Devemos considerar que, sendo o homem “um ser-em-relação”, tanto as relações harmoniosas como as relações de conflito surgem a partir do encontro. O caráter social humano está na definição do ‘eu psíquico’ e do ‘papel’. O ‘papel’ está no contexto social. O ‘eu’ se identifica e se confunde com esse papel. “Os aspectos tangíveis do que conhece como ‘eu’ são os papéis nos quais este ‘eu’ opera”. ⁶⁰ (GARRIDO, 1996)

⁵⁸ GONÇALVES, Camila et al. Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J.L. Moreno, 8ª ed., São Paulo: Ágora, 1988 p. 63

⁵⁹ GARRIDO MARTIN, E Psicologia do encontro: J.L. Moreno, São Paulo: Ágora, 1996 p. 164

⁶⁰ Idem p. 165

Após várias aproximações e momentos de reconhecimento do grupo, percebemos que há um esvaziamento ou uma restrição de papéis dos clientes da sopa. Muitos, como o grupo dos voluntários, desenvolvem um novo papel quando se envolvem ativamente no trabalho na praça. *Como seria pensar na possibilidade de transformação, sem pensar no desenvolvimento de papéis? Como pensar em vida sem um desenvolvimento emocional compatível ao conceito moreniano do ´ser-em-relação´ ? Sem a possibilidade do encontro, não haveria perspectiva de mudança. Ao isolarmos ou escondermos a população em situação de rua, estamos criando obstáculos reforçados para sua perspectiva de mudança de vida.*

Participamos assim, voluntários e clientes, dos nossos respectivos átomos sociais. A continuidade garantida dos encontros dominicais permite o reforço do vínculo. Muitos dos voluntários, durante nossos encontros focais de reconhecimento aprofundado, confessaram que suas semanas começam com o encontro na Praça e que, quando ausentes, a semana não começa da mesma forma. Uma das crianças, figura modelar e modelante, no grupo, constatou espontaneamente: “Nos encontramos sempre a cada seis dias”.

Uma vez garantido o encontro, passamos a investigar a qualidade desses encontros.

3.5 O grupo e o fator tele

Após abordarmos a teoria dos papéis e os átomos sociais, passamos a analisar fator tele no grupo. Sem a expansão do fator tele nesse grupo não teríamos composto reciprocamente nossos átomos sociais.

Os encontros dominicais também representam uma possibilidade de expansividade social e emocional. Principalmente as famílias, que participam juntas do encontro, formam vínculos de amizade que ultrapassaram o espaço físico da Praça Roosevelt.

“O fenômeno tele é a empatia ocorrendo em duas direções” ⁶¹ (MORENO, 2008). *Talvez nossas vidas não se cruzassem. Mas, se cruzaram em duas direções.*

O fator tele é muito forte principalmente entre os voluntários assíduos e os clientes assíduos. Cada voluntário assíduo acabou se aproximando de determinados clientes assíduos. Vejo a tele no grupo como:

[...] tele operando em toda estrutura social, influenciada pelo fator “e”, que diminui ou aumenta o seu alcance [...] tele entendida como vínculo [...] tele como mutualidade, e por fim, tele entendida como sentimento e conhecimento da situação real de outras pessoas. ⁶² (PERAZZO)

Os acontecimentos télicos no grupo foram evolutivos e constantes. Podemos considerar também que o grupo dos voluntários tem uma elevada capacidade empática, perceptível pela maneira como os participantes se cumprimentam e respeitam o espaço físico dos voluntários.

É evidenciada a evolução que teve Moreno ao passar a trabalhar o conceito de tele como uma noção social. Tele implica vínculo. Vínculo que se dá através dos papéis. A tele no grupo do sopão se consolida pelo papel de cada um no grupo, mas também pela percepção de *mutualidade*, quando os clientes assíduos tem consciência de que eles também estão fazendo um bem para nós. Existe sim certa interdependência no grupo quando olhamos sob a ótica do “ser ajudado” e “ser útil para alguém”. Muitas vezes explicitamos nossos agradecimentos aos clientes assíduos pelo simples fatos de estarem ali. É um nítido caso de mutualidade. Graças aos clientes da sopa, os voluntários ganham mais um papel em suas vidas.

O conceito de Gordon Allport (apud MARINEAU, 1992) também nos ajuda a reforçar a tele no grupo: “visão no interior, capacidade de apreciar e sentir a construção factual de outro pessoa” ⁶³ . Percebemos assim que a tele é um fator essencial para todo grupo que se propõe a trabalhar em prol de um objetivo comum. É a tele a responsável pela realidade das configurações sociais.

⁶¹ MORENO, J. L. Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e sociodrama São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento , 2008 (edição estudante).

⁶² PERAZZO, S. “Sobre o tema tele”, Revista Brasileira de Psicodrama, v. 8, no. 1, p 125-130

⁶³ MARINEAU, René F Jacob Levy Moreno, 1889-1974: Pai do Psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo [tradução de José de Souza Mello Werneck] – São Paulo: Ágora, 1992 pág 169

Podemos pressupor que a tele está ligada a um acontecimento social entre humanos, com todas as características citadas: vínculo, mutualidade, dupla empatia concomitante, entre outros.

Como seria se não tivéssemos o fator espontaneidade aliado às relações télicas?

Sem o predomínio das relações télicas sobre as relações transferenciais, os indivíduos não encontrariam condições para ser espontâneo e criativo.

3.6 Sobre a espontaneidade

[...] A espontaneidade é a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora, ou ainda, transformadora de situações preestabelecida [...] Quando recupera sua liberdade ou luta por ela, o homem reafirma sua essência, o que é próprio de sua natureza, ou seja, a espontaneidade.⁶⁴ (GONÇALVES, 1988)

O fator “e” no grupo não é evidente. Muitos observadores poderiam erroneamente pensar que a espontaneidade está nos embriagados que “falam o que pensam”. A espontaneidade está em uma minoria de clientes assíduos que por vezes conseguem ter a lucidez de analisarem sua condição de vida e embalam em conversas quase que filosóficas com os voluntários assíduos. Ou naqueles que desenvolveram um jeito particular de vida. José Aparecido, por exemplo, não aceita nenhum tipo de doação de roupa. Ele diz que já tem o suficiente para viver e vive com seu trapo de roupa. Feliz.

A expressão corporal dos clientes varia de muitas formas. Ouso dizer que a espontaneidade pode ser encontrada em suas posturas. Não há uma etiqueta a ser seguida quando nos reunimos e uma análise pode ser feita de imediato ao olhar o grupo e ver como cada um está acomodado.

Ao longo da convivência, novas formas de espontaneidade surgem. Manoel, há aproximadamente um ano, compôs uma música para nós: “Opa, opa.. tem tanta mulher dando sopa!”. Chega cantarolando todos os domingos desde então.

⁶⁴ GONÇALVES, C. S. “Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J.L. Moreno”, São Paulo, Agora, 1988 p. 41-47

Não podemos deixar de citar a espontaneidade que faz parte da natureza das crianças e que agrega um valor especial ao trabalho realizado. No Natal de 2010, decidi me fantasiar de Papai Noel no domingo que antecedeu a festividade. As crianças [naquele momento apenas três] se aqueceram para a dramatização e saímos distribuindo “presentes imaginários”, que traduziam necessidades concretas, pela fila dos assistidos: “Para você, uma casa”, “para você, um cachorrinho de estimação”, “para você, um cobertor”, “para você, um chinelo”. E a espontaneidade partia intensamente das crianças.

3.7 Sobre as lideranças

Não poderíamos falar de um grupo tão forte sem evidenciar a presença de suas lideranças.

No grupo de distribuição temos a emergência de um *líder manifesto reconhecido* que ganhou legitimidade não apenas por sua experiência, mas por suas atitudes e por sua forma de liderar dando exemplo ao grupo. A estrutura sociométrica do grupo elegeu seu líder: o Sr. Reinaldo, de 65 anos, advogado aposentado, 30 anos de trabalho no sopão. É o líder do grupo de distribuição, perante o próprio grupo e perante as demais equipes. Sua atitude discreta e ponderada faz com que ele não precise fazer nada mais do que simplesmente estar ali. Sua presença passa a segurança necessária para que o grupo cumpra seu objetivo. Quando algum integrante assíduo tem que faltar, diz: “Por favor, avisem o senhor Reinaldo”. Sr. Reinaldo fica corado e responde rindo: “Por que me pedem permissão para tirar férias?”. Quando aquele da equipe de entrega chega com pressa, afinal tem pressa sempre para limpar sua consciência, olhamos para o Sr. Reinaldo, que olha para o indivíduo e com o olhar envia o sinal de que é o momento adequar-se ao ritmo do grupo.

No grupo dos clientes, conseguimos encontrar dois outros tipos de liderança⁶⁵:

(1) Líder popular: Cícero, líder de sua família que buscou uma função para nos ajudar no trabalho. Sendo cliente e colaborador, é responsável pela organização da triagem dos resíduos consumidos. Todos o respeitam por sua atitude e por ser um exemplo para os demais.

(2) Líder de luta: o líder pela força física, que é o forte do grupo que impõe ordem quando alguém chega fora dos parâmetros controlados de consumo de álcool e drogas. João Pedro diz: “Aqui não” e o possível conflito está sanado.

A emergência dessas lideranças está diretamente relacionada às características próprias e às personalidades de cada um, mas também sofre direta influência da estrutura sociométrica do grupo do sopão.

Passemos das lideranças para universo das crianças.

3.8 Figuras modelares e modelantes: as crianças

A questão das crianças é muito importante e merece esse tópico à parte. Felizmente, graças ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à luta de humanistas como o Pe. Julio Lancellotti, podemos dizer que há uma diminuição progressiva no número de crianças que se encontram em situação de rua. Muitas foram encaminhadas para abrigos. Outras foram adotadas com as facilidades que contribuíram para a consumação desse processo, conforme apontou Pe. Julio Lancellotti. Mesmo assim, ainda há um vasto trabalho social a ser realizado. As vagas nos abrigos e nas casas transitórias ainda são insuficientes, sem mencionar a dificuldade de encaminhamentos no caso de crianças que já são usuárias de drogas.

Temos um subgrupo de crianças em nosso trabalho que envolve aproximadamente 10 crianças. Crianças que nasceram em situação de rua. Apostamos muito na possibilidade de transformação que representamos para elas.

⁶⁵ Anotação de caderno durante aula ministrada pelo Prof. Dr. Anibal Mezher no segundo semestre/2009.

O momento mais marcante, até então, foi quando elas deixaram o papel de assistidas e assumiram o papel de voluntários, distribuindo o pão e a banana, com uma responsabilidade destacável.

De forma voluntária e espontânea, me envolvi diretamente com as crianças - filhos do líder Cícero: Lucas com agora 9 anos, Luana com agora 8 anos e a caçula Luane de 2 anos. Acompanhamos o crescimento dessas crianças e tentamos ser para elas referências diferentes de vida. Há 4 anos aproximadamente consegui me aproximar das crianças a ponto delas se manifestarem: “Queremos te ajudar, o que podemos fazer?”, demonstrando uma verdadeira vontade de estar do outro lado e de assumir um novo papel. A partir desse momento passei a definir com constância uma função para elas no grupo: distribuindo as caixinhas de leite, o pão ou a banana. Vivemos uma inversão de papéis. Elas passaram a convidar novas crianças a virem aos nossos encontros dominicais para participarem ativamente do grupo. Generosamente, passaram a se alimentar por último, depois de todos os assistidos. Iniciamos um trabalho importante com as crianças que passaram a desenvolver um novo papel do grupo. O desafio inicial foi o de não atrelar esse desempenho a gratificações materiais como presentes e ‘moedinhas’. Sei que a vantagem e o interesse movem o ser humano, mas pretendemos que o interesse seja o interesse pela significação social de ajudar ao próximo e que a vantagem seja a vantagem existencial fazendo parte do grupo que pode ajudar. Para fazer um trabalho diferente, essa condição era *fundamental*.

Alguns membros do grupo de voluntários, não sentiram a mesma realização e tentaram fazer uma mobilização do grupo como um todo contra a participação das crianças. O discernimento e os princípios pedagógicos venceram. Vesti pessoalmente a camisa da luta em prol das crianças, utilizando como argumento principal a importância de mostrarmos outras perspectivas para essas crianças. Eles não visualizavam a conquista que era fazer com que essas crianças deixassem de ser ajudadas e passassem a nos ajudar. Citando novamente Pe. Julio Lancelotti: “O trabalho junto delas [das crianças] é um processo pedagógico lento. *Você só tira a criança da rua construindo o caminho com ela*”.

As crianças hoje têm um papel fundamental no grupo. Elas se fizeram ser respeitadas pelo grupo e outros adultos passaram a nos oferecer ajuda – afinal,

somos aproximadamente 15 voluntários para 200 clientes assistidos – depois que observaram o exemplo das crianças. As crianças são figuras modelares e modelantes nesse contexto. O trabalho dominical colabora para com o processo de socialização e integração cultural das crianças.

Compreendo melhor como a experiência de Moreno com as crianças pelos jardins de Viena, ou mesmo como estudante de Medicina, inspirou a conceituação de espontaneidade. Também passo a acreditar cada vez mais nos preceitos de Maria Montessori ⁶⁶ sobre a liberdade de movimento produtiva no processo de educação, sobre a espontaneidade e sobre a criatividade na infância.

“Mas você não precisa de uma cordinha para pular. Vamos dá-la a uma criança pobre que nunca teve uma” (Bergner, 1978 apud MARINEAU 1992)” ⁶⁷

3.9. Axio-sociodrama com o grupo de voluntários

Desde o início o Psicodrama me ajudou a ampliar a compreensão da dinâmica do nosso grupo através das leituras sociométricas e da visão sobre a sociodinâmica. Contudo, mobilizar o grupo para um trabalho psicodramático foi uma tarefa mais difícil do que previ inicialmente. Na minha análise, a tarefa não foi fácil por dois motivos principais. Primeiramente porque era um passo para sairmos do nosso anonimato e depois, pelo passo importante que era a aproximação para deixarmos de ser um agrupamento e começarmos a formar um grupo.

A primeira decisão importante em prol desse trabalho foi iniciar a vivência psicodramática com o grupo de voluntários para posteriormente pensarmos em uma expansão do trabalho. Propus algumas ferramentas investigativas com o grupo em sua totalidade que considero que serviram de aquecimento em diferentes momentos.

⁶⁶ Maria Montessori (1870-1952), médica e educadora italiana. O Método Montessori foi um dos primeiros métodos ativos quanto à criação e aplicação, tendo, como principal objetivo, as atividades motoras e sensoriais.

⁶⁷ MARINEAU, René F Jacob Levy Moreno, 1889-1974: Pai do Psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo [tradução de José de Souza Mello Werneck] – São Paulo: Ágora, 1992 pág. 49

Ao longo do curso de formação, tive a oportunidade de exercitar a direção com diferentes grupos, como de estudantes, de líderes da Pastoral da Criança, da velha-guarda de uma escola de samba e de funcionários no contexto corporativo. Nenhum grupo foi tão desafiador como esse. Foram inúmeras tentativas de encontros fora da praça, em minha residência, em um restaurante e no centro espírita, até o dia em que assumi a decisão de que o trabalho deveria mesmo acontecer no nosso local de distribuição da sopa. Esse nosso “habitat” é o local ideal para o trabalho. Essa decisão foi o melhor disparador possível.

Encaminho minha compreensão de que foi realizado um trabalho que nomeio de aquecimento mobilizador. Diversas conversas individuais, em grupos, momentos de intervenções livres como o vídeo, exercitando o Psicodrama líquido. Enfim, todas as etapas se interpenetraram de certa forma.

Meu envolvimento emocional com o grupo e meu comprometimento com o ideal do trabalho são fatores que determinaram a necessidade de uma preparação diferenciada, com mais necessidade de introspecção e diferentes versões de planejamento para o trabalho. Mara Sampaio e Yvette Datner (2008)⁶⁸, fazem uma reflexão introdutória sobre uma “dicotomia” ao pensar em um planejamento face à espontaneidade do Psicodrama e na sequência, concluem que o próprio Moreno criou técnicas e métodos que favorecem a elaboração de projetos com seus planejamentos sistêmicos. Sabemos que no Psicodrama, o planejar é fundamental, com a consideração de que talvez todo trabalho saia diferente em função do “aqui e agora” com o grupo. Senti necessidade de reforço de planejamento.

Trata-se de um grupo que lida com uma população em situação de vulnerabilidade social, assim como o fez Moreno: prostitutas (muitas delas transexuais), crianças, emigrantes, imigrantes, enfim, gente que ocupa as ruas de nossa cidade e que precisa resgatar sua dignidade e sua cidadania.

Moreno (apud FLEURY e MARRA, 2010) explica a lei ou efeito sociodinâmico, que é aplicável ao nosso contexto:

⁶⁸ DATNER, Y. e SAMPAIO, M “A Elaboração de projetos para a efetivação de intervenções socioeducativas” in Grupos Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático, São Paulo, Ágora, 2008, pág. 193

[...] Grupos criam uma rede de conexões que seguem leis e regras específicas para eles. Parte desse conteúdo é consciente, como o objetivo da reunião. Outras partes são inconscientes, como mitos, códigos, entre outros. Os estados inconscientes podem facilitar (ou não) a constituição e a manutenção do grupo.⁶⁹

O trabalho psicodramático com o grupo de voluntários visou justamente investigar esse inconsciente. O que uniu esse grupo de pessoas que fazem parte de mundos tão diferentes? Quais são nossos valores comuns? O que nos mantém na ação? O que temos a oferecer? Enfim, quais são as nossas fomes? É possível falar em transformação? Essas indagações consolidam a investigação desse estudo. Um trabalho psicodramático será um passo que pode reforçar o vínculo e a cumplicidade desse grupo. O heteroconhecimento é condição *indispensável* para a aproximação e para a reciprocidade.

A melhor opção de método sociátrico foi o sociodrama, uma vez que temos um grupo de pessoas comprometidos com um objetivo comum e com um trabalho social. “O sociodrama funciona na intersecção dos fenômenos sociais como foco principal de exploração.”⁷⁰ (DAVOLI, 1990)

“Um querer-saber que se funda no poder-aprender [sobre o grupo], o que a direção experiencia como um acontecimento que se dá.”⁷¹ (MARINO, 2002) Ou seja, como pesquisadora psicodramatista parti das questões que queria investigar para efetivamente poder aprender com o grupo.

Também “o sociodrama é uma ferramenta para a construção do diálogo empático e para a aprendizagem interpessoal e intergrupar [...] E, assim, integramos o “eu” e o “social.”⁷² (NERY, 2010)

Para Moreno (1974):

Nosso maior oportunidade de exercer trabalhos e intervenções grupais está no sociodrama, pois ele trata de relações intergrupais, de ideologias coletivas, centrando-se nos denominadores coletivos e na saúde coletiva.⁷³

⁶⁹ FLEURY, Heloisa J. e MARRA, Marlene Magnabosco Tendências atuais no campo das intervenções e da aplicação do sociodrama como método, São Paulo: Ágora, 2010 pág. 16

⁷⁰ DAVOLI, C. Psicodrama e sociodrama: uma caracterização. Revista Brasileira de Psicodrama v. 2, no. 2, pág. 25, 1990

⁷¹ MARINO, M. J. Vir a ser Psicodramatista: um caminho de singularização em coexistência. 2002 Tese Doutorado – Programa de Psicologia Clínica PUC SP

⁷² NERY, Maria da Penha e MARRA, M. M. Inclusão social e sociodrama, Sociodrama um método, diferentes procedimentos, São Paulo: Ágora, 2010, p. 192

No domingo, 13 de janeiro de 2013, finalmente consegui a confirmação de 9 participantes do grupo de voluntários que estavam disponíveis a participar desse encontro “piloto”. contei com a ajuda de minha amiga, que trabalhou comigo por muitos anos, para o registro escrito e visual. A entrega da sopa nesse domingo teve *um sabor especial*. A cada etapa eu pensava no trabalho que aconteceria naquele domingo. Notei que os colegas que tinham confirmado sua participação previamente por email também chegaram mais ansiosos, fazendo perguntas: “Como é que vai ser?”, “Quem confirmou presença?”, “Eu não vou poder ficar até bem mais tarde, mas quero muito participar”. Considero que o próprio trabalho da sopa serviu de aquecimento para o grupo e ao mesmo tempo, do momento prévio de montagem do cenário. Fiz a escolha pelo mínimo de recursos materiais: uma mesa desmontável de apoio para a registradora, papel e lápis colorido. Quando retirei do carro o material, todos de forma solícita queriam ajudar a carregar e a montar. Estavam ansiosos, perguntando insistentemente “Quer ajuda? Quer ajuda?” e por isso, consegui perceber que estavam aquecidos.

Na sequência, reuni todos os participantes (9 participantes do grupo de 15 voluntários da equipe de distribuição) em um círculo. A proposta foi de que todos ficassem próximos fisicamente, em uma distância física saudável para o trabalho. Eles já estavam agitados com a ansiedade e por isso senti que eles precisavam de um pouco de sossego para se concentrarem.

Fiz uma breve introdução ao Psicodrama, como sendo a “alma em ação”, agradei a participação de todos os presentes e pedi autorização prévia para realização dos registros escrito e fotográfico. Previamente, já havia falado mais sobre o Psicodrama em diferentes momentos. Ao passar para a fala dos objetivos do nosso encontro, percebi o quanto eu também já estava aquecida e, de maneira tranquila, fizemos nosso contrato passando a apresentar a proposta central do trabalho. “*Quanto nós nos conhecemos? O que nos une? O que faz com que todos deixem suas famílias em casa aos domingos para vir se reunir aqui? Quais são os nossos valores? O que buscamos? O que oferecemos?*”, foram essas as indagações objetivas que utilizei para apresentar nosso objetivo.

⁷³ MORENO, J.L., Psicoterapia de grupo e Psicodrama: introdução à teoria e à práxis. São Paulo: Mestre Jou, 1974

Vale mencionar que no contrato do trabalho solicitei a todos a autorização de uso dos depoimentos e das imagens no trabalho de conclusão do curso de formação em Psicodrama e enfatizei que poderíamos acordar o uso de nomes hipotéticos para preservarem suas identidades. De forma inesperada, todos concordaram muito rapidamente com a proposta de trabalho e validaram a autorização de uso de suas identidades próprias. Para ilustrar cito a fala de José Eduardo: “Pode por até meu nome completo. Quem sabe eu recebo um convite para participar de outros trabalhos!”. Mesmo com o grupo já aquecido, optei por manter a etapa do aquecimento inespecífico que constava em meu planejamento.

Também confere peculiaridade a esse trabalho, o fato de ser dirigido por uma participante histórica do grupo do sopão. Fui uma observadora participante atuante do acontecimento.

a) Aquecimentos

Dando continuidade ao aquecimento já iniciado, pedi para que todos se posicionassem em um círculo, mantendo a maior proximidade possível com quem estava ao seu lado. A proposta foi de darmos um passo adiante, começando assim a sairmos no nosso anonimato. Fala da direção: “Já nos conhecemos um pouco, mas peço que cada um se apresente contando algo sobre você que o grupo não conhece.”

Como exemplo, utilizei minha própria fala ao fazer uma ligação entre as vivências de Psicodrama e minha atual prática profissional em uma instituição de ensino. Fiz questão de enfatizar que foi o nosso grupo do “sopão” que me motivou a estudar o Psicodrama.

Sr. Reinaldo (advogado aposentado, 65 anos), nossa liderança principal, como era de se esperar, iniciou a fala falando sobre seu time de futebol. “Sou são-paulino, com orgulho!... [risos de timidez] isso vocês não sabiam!”.

Reinaldo L. (agente de viagens e coordenador de eventos, 50 anos), logo emendou sua fala, demonstrando que queria ir logo para o foco do trabalho: “Quero falar como cheguei até aqui. Um amigo meu me convidou a conhecer o centro espírita da Dona Mariazinha. Logo que ela me conheceu, disse que tinha uma missão para mim. Convocou-me a participar no próximo domingo do trabalho aqui

na praça, sem me dar um chance sequer para recusa. E assim estou aqui há mais de 10 anos. Depois convidei nossas amigas Vany e Dani, que conheci nadando na piscina do SESC, para participarem do trabalho. E assim foi... Cada domingo para mim é único e é novo. Minha semana não começa bem quando não venho ao sopão. Penso nas pessoas que passaram por aqui e que não vem mais, tanto voluntários como atendidos e principalmente falecidos como o Sr. Décio . Pronto! Já falei muito!”. E assim Reinaldo terminou sua fala inicial demonstrando ansiedade.

Com a fala de Reinaldo L., a etapa planejada para aquecimento específico foi antecipada. Com tranquilidade, deixei a vivência fluir enquanto fui pensando na adaptação do planejamento. Wilma (não conhecemos sua profissão, 58 anos): “Bom.. eu vou falar uma coisa para vocês. Eu moro bem perto daqui. Isso vocês já sabiam. Mas eu observava vocês fazendo o trabalho há muitos anos e não tinha coragem de chegar perto. Um dia, quando minha irmã que mora na Bahia veio me visitar, estávamos passando aqui em frente e ela se interessou em conhecer o trabalho, sem conhecer meus receios passados. Ela veio conversar com Dani e para mim foi importante saber que não era um trabalho de uma religião específica. Eu não tenho uma religião, apenas acredito em Deus. Essa aproximação me motivou a participar do encontro há 3 anos. Venho todos os domingos que posso, como vocês sabem.”

Sr. Reinaldo pede a fala novamente. “O que eu falei não valeu, né? Eu estou aqui há tanto tempo que parei de contar os anos [estimamos que ele esteja no trabalho há pelo menos 27 anos]. O mais velho aqui é o Luís [da equipe do transporte]. Ele vinha entregar café e pão com a Dona Mariazinha aqui pela rua da Consolação. Eu passava aqui sempre em frente pois vinha no mesmo horário à Federação Espírita. Um dia, me interessei, parei, perguntei, comecei a ajudar e nunca mais deixei de vir.”

Raquel (gerente de marketing de uma empresa de alimentos, 49 anos): “Antigamente eu fazia um trabalho voluntário na Casa de Nazaré [da igreja católica] e de uns tempos pra cá, comecei a sentir falta de um trabalho assim. Daí minha amiga me trouxe e eu venho sempre que posso ajudar. Ah! E eu sou santista, viu?”

Maurília (empresária, 23 anos): “Bem... é pra falar como veio até aqui?” A direção esclarece: “Fale o que você quiser. O espaço está aberto.” Continua

Maurília: “Eu venho com o Jair [seu companheiro]. Quando venho ajudar aqui, não consigo nunca almoçar depois”. A direção não se conteve: “Por que você acha que não consegue comer quando vem aqui?”. Maurília continua: “Porque não tenho fome de comida. Não sei. Na primeira vez que vim há 2 anos atrás, chorei muito. Muito mesmo.”

Reinaldo L. complementa: “É normal. Isso acontece mesmo. É a energia espiritual daqui”. Denise também reforça: “A primeira vez que vim trouxemos muitos amigos. Estávamos em 6 pessoas. Eu fui a única a voltar. Tem um amigo que nem conseguiu se aproximar do grupo. A única coisa que ele conseguiu fazer foi dar um cigarro para um atendido que lhe abordou!” Jair [companheiro de Maurília/empresário, 68 anos]: “Eu era de Minas Gerais. Fui ao centro de Chico [Chico Xavier, espírita] e recebi a orientação para começar um trabalho voluntário. Teve uma fase difícil. Vocês nem imaginam!”. Depois de uma pausa extensa, continua comovido: “Eu fiquei na lama mesmo. Encrencado no trabalho da empresa de motoboy, me envolvi com uma amiga de minha filha e acabei me separando da minha primeira esposa. Minha filha até hoje não me perdoou. Recebi orientação dos discípulos de Jesus para começar a participar do trabalho da sopa. Pego os pães todos os domingos e cumprio essa missão com seriedade”. O grupo ri, pois na verdade, em toda troca de horário de verão ele se confundiu e acaba chegando atrasado: “Exceto no horário de verão, certo Jair?”, reforça Sr. Reinaldo. Continua: “Eu sei que minha vida começou a mudar depois que comecei a vir aqui no sopão. Tudo começou a melhorar. Abri minha própria empresa e estou com a Maurília. Já quebrei a cara dando oportunidade para um pessoal daqui, mas tudo bem. Também faço um trabalho ativo em outro centro espírita, pois recebo a orientação espiritual de médiuns médicos e consigo ajudar muita gente com as cirurgias espirituais. Tá vendo como eu falei bastante, Maurília? E eu sou corinthiano, Sr. Reinaldo!”

José Eduardo (representante comercial, 55 anos): “Eu frequento centros espíritas já há 15 anos. Quando comecei a namorar a Ivonilda, há 4 anos, passei a vir com ela ao trabalho do sopão. Nós preparamos o café juntos para distribuição todas as vezes que podemos. Para mim, segundo a filosofia espírita, a base de tudo é a caridade. Sem a caridade não há salvação. Eu senti esse alerta espiritual me motivando a fazer essa caridade. Eu tive muitos problemas de saúde. Aprendi e aprendo muito com nosso trabalho. Me considero uma outra pessoa depois que

comecei a vir aqui aos domingos. Mudanças simples, sabe? Por exemplo, antes eu nem olhava para a cara do motorista do ônibus, hoje já consigo cumprimenta-lo. Hoje eu consigo olhar nos olhos das pessoas, sabe? Já passei por muita dificuldade. Vim de uma família muito pobre. Meus pais foram carpinteiros. Hoje sinto que posso fazer algo pelas pessoas. Sou grato por isso e o trabalho é recompensador”. José Eduardo pede permissão para citar um trecho bíblico: “Ajudar ao próximo como a ti mesmo.” Raquel, repete a frase de Santo Agostinho: “Não há salvação sem caridade”.

Denise (coordenadora pedagógica, 49 anos): “Eu vim a convite da Dani, com nosso grupo de amigos, em 2008. Depois não parei de vir. Sou muito grata a ela pelo convite. Foi ela também que me levou a frequentar a igreja. Eu sempre me dizia católica, mas não frequentava a igreja. Foi importante me sentir útil. É muito raro eu faltar ao trabalho. Quando faltamos, justificamos para o Sr. Reinaldo”. Todos em silêncio me olham e indagam: “E você? Não vai falar?”. Para não decepcioná-los, fiz uma breve fala dizendo: “Vim a convite do Reinaldo L., como ele disse, bem no dia 14/12/2008 quando comemorávamos previamente o Natal com o grupo. Para mim, foi um verdadeiro presente de Natal.”

Na sequência, pedi para que todos fechassem os olhos e tentassem se concentrar, apesar dos diversos ruídos que tínhamos ao entorno (cachorros dos atendidos latindo e atendidos alcoolizados nos interrompendo).

A consigna foi: “Resgatem uma cena que marcou o trabalho na sopa”. A direção optou por deixar o livre compartilhamento da cena: “Quem quiser compartilhe com o grupo essa cena”.

Maurília: “Uma cena que me marcou muito foi quando um bêbado veio pra cima de mim. Eu fiquei traumatizada. Passei a não vir mais aqui. Mas, depois pensei melhor e percebi que estava sendo egoísta. Como deixar o trabalho com os outros por causa de uma única pessoa?” Sr. Reinaldo complementa: “E eu falei com o rapaz e ele se arrependeu muito por seu ato.”

Reinaldo L: “Eu pensei na Dona Mariazinha organizando a fila para a distribuição e penso nas visões dos espíritos que vem também nos ajudar todos os domingos.”

Sr. Reinaldo: “Eu pensei no dia em que encontramos um atendido falecido aqui. Fomos nós [Denise, Danielle, Reinaldo e mais 6 atendidos] que fizemos uma oração por sua alma e que ficamos esperando o IML vir retirar seu corpo. Era perto do Natal. O rapaz era HIV positivo e já estava em estado terminal, lembram-se?”. Resgatar esse momento foi de forte emoção para o grupo. Foi feita uma outra longa pausa. Depois dessa cena marcante, foi difícil para os demais compartilharem suas cenas. Isso foi perceptível.

c) Dramatização

Passamos então para a etapa da dramatização: “Novamente, com os olhos fechados e pensando nessas cenas marcantes, respondam: Você tem fome do que?”. Pedi para que eles construíssem um desenho coletivo para demonstrarem suas respostas. Surgiu um desenho coletivo livre, realizado na mesa de apoio, com as seguintes palavras:

Fome de servir, de determinação, de compaixão, de justiça, de paciência, de solidariedade, de caridade [de forma repetida], de ajudar ao próximo, de amor, de ser um ser humano melhor, de justiça social, de igualdade e de esperança.

De maneira introspectiva, cada um dava um passo à frente e contribuía para essa construção coletiva.

Optei por seguir com esse movimento do grupo e passei a nova reflexão: “E os atendidos? Do que eles têm fome? Eles vêm aqui apenas por causa do alimento?”

Imediatamente, a reação do grupo foi de mostrar com o corpo que não. Diziam: “Não. Eles vêm aqui por causa de muitas coisas”. “Não. É um todo.” “Também pelo alimento, mas não somente pelo alimento”.

Então: “Pensem nos atendidos que são próximos a vocês. Tentem se colocar no lugar dessas pessoas e respondam: Você tem fome de que?”

Novo desenho coletivo com as palavras foi realizado espontaneamente pelo grupo que virou o bloco e começou a nova construção:

De aprendizado, de amor, de consideração, de atenção [repetidas vezes], de respeito à dignidade, de dignidade, de paz, de [repetidas vezes], de amizade, de solidão, de oportunidades.

Nesse momento o grupo se dá conta da amplitude de nossa missão: “Nossa! Não tinha parado para pensar sobre isso.” “A responsabilidade é grande mesmo”. A direção solicita uma nova reflexão: “Qual é nossa posição? Quão perto ou quão longe nós estamos dos clientes da sopa?”. O grupo discutiu por um tempo maior e chegou a seguinte conclusão:

“Existem duas etapas. Na primeira, quando chegamos, estamos distantes. Mas, o trabalho nos aproxima. Então ficamos mais próximos.”, fala de Reinaldo L.

Pedi para que corporalmente fosse feito o movimento. Um movimento individual de “ir e vir” foi feito com certa resistência.

Reinaldo L, toma novamente o bloco e fala: “Vou desenhar para explicar melhor”. Novamente, os demais complementam o desenho, sem a consigna para tal, de forma espontânea.

“Mais próximos a cada dia.”, reforça Jair. A direção indaga: “E como acontece essa aproximação?”

Respostas do grupo: “pelo olhar”, “pela sopa”, “pelo respeito mútuo”, “pela igualdade”, que refletem a compreensão grupal a partir da ação que os envolve.

Nova indagação da direção: “Vocês acreditam em uma *transformação*?”

Veio um “Sim”, coletivo e forte.

Direção: “Como?”

Raquel: “Quando trazemos para ajudar o grupo alguém que já foi atendido”.

Noto que espontaneamente, os participantes começaram a usar a palavra “grupo”.

Sr. Reinaldo: “Com estímulos”

Wilma: “Agindo com humildade”

Um novo desenho foi sendo construído.

Jair: “Vibrando por eles com oração. Com amor”

José Eduardo: “Apoiando sua autoestima”. Maurília valida: “É mexendo com a autoestima mesmo”. Denise: “Com a valorização deles e ensinando a solidariedade”. Raquel: “Também o ajudamos com o nosso olhar”. Sr. Reinaldo: “Transmitindo confiança”

Direção: Gostaria de pedir para que vocês construíssem uma escultura que melhor represente o trabalho do sopão.

Sem pensar ou discutirem previamente, todos colocam suas mãos com as palmas para cima. Sr. Reinaldo, sempre liderando, tenta formar um coração com as mãos. Maurília é a única a propor um movimento diferente.

d) Compartilhamento

A sociodinâmica do grupo me surpreendeu de forma positiva. Na direção, minhas preocupações eram: a timidez excessiva que bloquearia a participação de alguns, a possível dificuldade de alguns em entender o porquê do trabalho e a falta de interesse no grupo em si. Contudo, ao final da atividade, todos me retribuíram com uma atitude de gratidão.

As conclusões que surgiram do grupo foram:

- Raquel, compartilhou de imediato: “Como é importante perceber que podemos ajudar o outro simplesmente através do nosso olhar. Essas pessoas não são notadas. Ninguém olha para essas pessoas. Nós fazemos essa diferença.”

- Reinaldo L., “Para mim, fica o quanto precisamos nos falar mais e nos encontrar mais fora daqui. Você pode fazer esse trabalho com mais gente? Com todos os voluntários?”

- O quanto precisamos nos organizar melhor como grupo. “Já fomos mais organizados. A Dona Mariazinha era exemplo de disciplina e depois isso foi se perdendo”, foi a fala de José Eduardo. Sempre observei de maneira atenta o funcionamento do grupo que conseguia organizar as tarefas de aproximadamente 60 voluntários envolvidos em todas etapas do trabalho do Sopão. De certa forma,

cheguei a me admirar com a dinâmica onde o bom funcionamento do trabalho não era refém a reuniões e a discussões infundáveis, como vivenciamos em muitos contextos profissionais. Às vezes, inúmeras reuniões levam a nenhum resultado efetivo no mundo corporativo e lá vivíamos o exemplo contrário. O que sustentava o grupo era o objetivo comum, a causa, o porquê de estarmos ali. Resolvia-se muito em poucas reuniões. Fato é que, no último ano 2011/12, as possibilidades de encontro e de discussão se expandiram por dois motivos essenciais: primeiro por conta do risco eminente ao qual estamos expostos com a reforma da Praça Roosevelt e consequente construção de um posto policial exatamente no nosso ponto de distribuição dominical da sopa e, em segundo plano, por conta de uma possibilidade de abertura de uma cooperativa para encaminhamento efetivo aos “clientes da sopa”. No compartilhamento da atividade, José Eduardo trouxe essa reflexão sobre uma melhor organização e disciplina. O grupo validou a questão.

- Wilma, “na verdade, percebemos que não conhecemos as pessoas da forma como podemos nos conhecer e nos aproximar mais do trabalho da sopa”.

- Denise, “eu não pensei que Psicodrama fazia isso. Faz a gente querer pensar sobre nossas ações”.

- Sr. Reinaldo, “eu estou comovido... nunca tínhamos vivido um momento intenso assim na praça”.

- Maurília: “Isso tudo é muito importante. É muito válido. Eu topo fazer mais vezes.”

- José Eduardo: “Eu aprendo sempre algo. Aprendi hoje também”.

- Jair: “Como é importante esse negócio, gente!”.

Também senti necessidade de questionar o grupo sobre o fato de termos escolhido o próprio local de distribuição da sopa para nos reunirmos. Foi consenso no grupo de que foi a melhor opção. “Não poderíamos ter feito isso em outro local”, expressou Denise. “Fez todo sentido. Eu gostei demais desse cenário. Quero é ver essas fotos”, Raquel.

Pedi que, para concluir, cada participante escolhesse uma palavra que melhor expressaria seu sentimento com o trabalho realizado:

Sr. Reinaldo: Gratificante

José Eduardo: “Aprendi mais uma”

Reinaldo Lopes: Reciclagem

Wilma: Descoberta e tomada de consciência

Maurília: Aproximação

Jair: Aprendizado

Denise: Integração

Raquel: Troca de experiência

Registros fotográficos (disponíveis no anexo) ilustram os diferentes momentos vividos. Os participantes autorizaram verbalmente e por escrito o uso de suas imagens.

Pela primeira vez, fomos almoçar todos juntos após o trabalho psicodramático que aconteceu imediatamente após a entrega da sopa. Jair, empolgado, queria até levar conosco alguns clientes da sopa (aproximadamente 6 pessoas) que ficaram observando nosso trabalho. Mas, fugiria do nosso objetivo. Maurília efetivamente não conseguiu almoçar.

E assim conclui a atividade com grande satisfação e com ideias para sua continuidade e multiplicação do trabalho. No dia seguinte, surpreendi-me com um email de Reinaldo L dizendo “Muito obrigado pela oportunidade de ontem. Penso que aquela ação possa nos fazer muito bem, e ser útil para todos os voluntários, independente de entregarem a Sopa ou não! Faz tempo que precisávamos estar mais perto.”

Também, reforçando a leitura de bastidor, pudemos constatar:

- Quão forte é a imagem da Dona Mariazinha no grupo. Tomada como exemplo por aqueles que a conheceram e também por aqueles que não a conheceram. Dona Mariazinha é uma figura mítica onipresente no grupo.

- Como a história de vida de cada um, com seus esperados desafios e obstáculos, influenciaram na busca por um trabalho voluntário, se possível, vinculado a suas crenças religiosas.

- Para alguns, o trabalho funciona como uma “moeda de troca”, uma vez que conseguiu mudanças de vida após início do trabalho.

- A importância de um papel social para o grupo de voluntários.

- A espontaneidade foi destaque na atividade.

- A palavra que melhor processa o trabalho é a solidariedade. Cito aqui Rubem Alves (2002):

[...] Sobre a solidariedade muitas coisas podem ser ditas. Por exemplo: acho possível desenvolver uma psicologia da solidariedade. E, filosoficamente, uma ética da solidariedade. Mas os saberes científicos e filosóficos da solidariedade não ensinam a solidariedade, da mesma forma como a crítica da música e da pintura. A solidariedade, como a beleza, é inefável- está além das palavras. Palavras que ensinam são gaiolas para pássaros engaioláveis. Os saberes, todos eles são pássaros engaiolados. Mas a solidariedade é um pássaro que não pode ser engaiolado. Ela não pode ser dita. A solidariedade pertence a uma classe de pássaros que só existem em vôo. Engaiolados, esses pássaros morrem [...] A solidariedade é como o ipê: nasce e floresce. Mas não em decorrência de mandamentos éticos ou religiosos. Não se pode ordenar: “Seja solidário!” A solidariedade acontece como simples transbordamento: as fontes transbordam [...] Da mesma forma como o poema é um transbordamento da alma do poeta e a canção, um transbordamento da alma do compositor [...] Disse que a solidariedade é um sentimento. É esse sentimento que nos torna humanos. É um sentimento estranho que perturba nossos próprios sentimentos. A solidariedade me faz sentir sentimentos que não são meus, que são de um outro.⁷⁴

- Assim, avaliando que o trabalho psicodramático trouxe para a ação o mapeamento dos valores dos voluntários, como é o caso significativo da solidariedade, proponho a interpretação de que foi realizado um axio-sociodrama.

Segundo Alvarez Valcarce (1997):

[...] O método axiodramático considera as formas como valore em caminho de encarnar-se [...] As formas que emergem no processo espontâneo-criador revelam ou fazem observável o campo axiológico. É por isso que no axiodrama dá-se especial ênfase à semiologia da imagem visual, no icônico como linguagem significativa [...] Trabalhar axiodramaticamente supõe que os fenômenos considerados recebam um valor de circunstância, refletindo os indivíduos que dele participam, isto é, que os fenômenos submerjam num campo axiológico e sofram modificações significativas, segundo as

⁷⁴ ALVES, RUBEM Mansamente pastam as ovelhas – Campinas, SP: Papirus, 2002

ordens de valor projetadas sobre eles [...] O diretor de axiodrama deverá criar campos axiológicos, onde as formas tendem a se desenvolver para uma maior força de composição, para uma estruturação mais harmônica e integrada.⁷⁵

Segundo Prof. Dr. Anibal Mezher (2002):

[...] Os procedimentos axiológicos são experiências de qualidade vivencial, que buscam não só uma melhor consciência axiológica, mas também conhecimentos que impliquem mudança de um role-taking a um role-creating, modulado por uma nova ordem ética.⁷⁶

Questões axiológicas importantes como a religião, a solidariedade, a generosidade e a responsabilidade com a qual os voluntários assumem sua missão, permearam toda a vivência psicodramática. Um campo axiológico foi formado pelo grupo. Podemos considerar que houve um trabalho de consciência axiológica do grupo.

⁷⁵ ALVAREZ VALCARCE, P. Axiológia y Psicodrama. Anais do 1º. Congresso Ibero-americano de Psicodrama. Salamanca, Universidade de Salamanca, 1997 p. 81-90

⁷⁶ MEZHER, A. A abordagem dos valores ético-culturais pelo Axiodrama, in WEIL, PIERRE prefácio A ética nos grupos: contribuição do psicodrama – São Paulo: Ágora, 2002

4. Reflexões finais e perspectivas futuras

Notamos que o grupo dos clientes da sopa encontra inúmeras dificuldades: emocionais, financeiras, sociais, culturais, falta de acesso à educação, falta de desenvolvimento de habilidades e competências específicas para encontrar a coerência entre a prática e seus pensamentos, falta de oportunidade e falta de perspectiva de futuro. Escutamos muitos dizendo há anos que querem mudar de vida, contudo os passos concretos para essa transformação não acompanham o ritmo de seus corações. Temos alguns casos no grupo de transformação, por exemplo, como o caso de Clóvis, um mulato com 40 anos e dois metros de alturas, que morava em um albergue, pois por causa do alcoolismo foi expulso de sua casa. Já fazia dois anos que ele frequentava o “Sopão” e um dia chegou todo feliz dizendo que conseguira um emprego para vender sorvetes. Ele disse que não havia tido tempo de contar sua história, apenas viu o anúncio da vaga na sorveteria, tomou coragem, entrou e foi contratado. Mas, Clóvis ao andar com seu carrinho pelas ruas no centro, encontrava seus companheiros que o zombavam: “Um negão desse tamanho vendendo picolé!”. Efetivamente, ele não se identificou com o trabalho, tampouco tinha habilidade para lidar com o dinheiro das vendas. Foi quando um amigo seu – policial metropolitano – lhe indicou para uma vaga de segurança em um empório de embutidos próximo ao mercado municipal. Nesse momento ele encontrou uma perspectiva de mudança. Pediu nossa ajuda para comprar um par de sapatos, porque a empresa lhe fornecia apenas o uniforme, mas lhe exigia um sapato social preto. Foi um dos raríssimos casos com os quais concordamos em dar uma ajuda financeira. Fiz questão de comprar o sapato e ir lhe entregar em seu local de serviço, com muito medo de constatar que o que ele havia nos contado não fosse verídico. Felizmente, ele estava trabalhando no local indicado. Hoje, já há 2 anos, Clóvis passou de cliente assíduo a voluntário em nosso grupo de entrega.

Outro caso a ser compartilhado é o de Fernando, que em um ensolarado domingo de verão, abordou-me assim: “Aconteceu algo muito bom comigo que preciso compartilhar”. Com felicidade ouvi seu depoimento: “Consegui trocar uma pedra [de crack] por um comprovante de residência frio com um mano [rapaz, colega] que tem computador. Fiz minha inscrição e consegui uma bolsa para fazer o

curso de jardinagem. Já vi um monte de anúncio de vagas!”. Sai refletindo muito sobre o ocorrido com Fernando. Existem ações complementares que podem ser feitas de encaminhamento. A partir desse depoimento, passamos a estruturar a divulgação de oportunidades de trabalho e de bolsas de estudos.

Um determinado número de pessoas declara que não tem intenção de sair da rua. Lucas, ex-artista anão de circo, diz que prefere morar na rua onde encontra liberdade do que em uma das quatro casas onde poderia morar com seus familiares, incluindo seus quatro filhos. Percebemos que o resgate desse grupo em situação de vulnerabilidade social é uma tarefa complexa. Como é essa *liberdade* experimentada nas ruas?

Pergunto-me: quais foram as oportunidades de *escolhas* que nossos clientes tiveram em suas vidas? Quais são as *escolhas* que nós voluntários fazemos, além de escolhermos entre estarmos com nossas famílias no domingo pela manhã ou estarmos na praça com o grupo? Quais são os *sonhos* dessas pessoas? Quais *perdas* lhe geraram mais sofrimento? A *perda* de um lar? A *perda* de um emprego? A *perda* de uma família? Ou a ausência de um cluster de papéis? Que *valor* cada um deles vê em sua existência? Quais são as chances de *transformação*?

As tensões sociais que vivenciamos no grupo se dão a partir das diferenças entre a matriz sociométrica de cada indivíduo e a sociedade externa. O fenômeno social *macro* se reproduz também no nosso *micro* grupo do sopão. Por isso que o “*edifício de M. Luther King*” precisa ser reconstruído:

“A verdadeira compaixão é mais do que atirar moedas a um mendigo, é, sim, perceber que um edifício que produz mendigos precisa ser reestruturado” ⁷⁷

Sinto que cada encontro é único, que a dinâmica básica organizacional evidentemente se repete, mas que as pessoas não são as mesmas (nem voluntários, nem clientes). Vivemos o momento sem falar do futuro, uma vez que não temos poções mágicas que poderíamos acrescentar a nossa saborosa sopa. Embora, o hoje seja um ser que projeta. Vejo esse momento de valorizar “o viver o hoje, aqui e agora” como um único sinal de sanidade emocional no grupo. O presente prevalece.

⁷⁷ Citação de M. Luther King, pastor protestante e ativista político estadunidense. (tradução livre)

Pretendemos fazer com que essas pessoas pensem sobre outras possibilidades de vida. Buscamos deixá-las instigadas a buscar uma *transformação*.

Ansiamos que essas pessoas façam suas escolhas e que sejam resgatadas da situação em que sobrevivem atualmente.

No domingo 14/outubro/2012, recebemos pela primeira vez uma família inteira com 14 integrantes. Uma mãe com ascendência japonesa e seus treze filhos, gerido sem seu relacionamento com um homem da raça negra. Os traços dos mestiços eram marcantes e todas as crianças estavam saudáveis. Também frequentam a escola. Quando a questionamos sobre a moradia, ela diz: “Estamos na ocupação na rua da Consolação. Estamos tranquilos porque para tirarem a gente de lá terão que pagar a bolsa aluguel.” Sabíamos que teríamos um desafio nos próximos encontros que é o desafio de mostrar a essa mulher e seus 13 filhos novas perspectivas de vida. Nós procuramos conhecer nossos clientes da sopa desde o primeiro dia. Ao longo do convívio, conseguimos fazer com que outras informações sejam confidenciais. Hoje, duas das adolescentes estão nos ajudando na entrega.

Outra ação que conseguimos provocar é a do testemunho – como com o caso bem sucedido de Clóvis. É quando percebemos muitos olhares demonstrando emoção com uma mudança que foi possível. Ver um companheiro que conseguiu um emprego é um testemunho forte. Já no primeiro dia em que Clóvis retornou ao grupo, Amarildo veio me pedir ajuda para voltar a estudar.

Vemos esses encontros como um trabalho assistencial de base que com o tempo conquistou expansão emocional. Ali, voluntários e clientes convivem com respeito e tolerância, através dos estímulos a se colocar no papel do outro. Falamos de sonhos, mas vivendo a realidade presente. E assim, há cada domingo, vivenciamos uma nova cena – cena essa que é construção coletiva. A frase dita em aula pelo Professor Anibal Mezher que muito me marcou e que cabe totalmente nesse contexto é: “*Ninguém é, nós estamos.*”

Hoje todos – voluntários e clientes – se sentem parte de um grupo, condição fundamental para a existência humana. Aprecio na língua francesa, o termo “*sentiment d’appartenance*”, ou seja, o sentimento de pertencimento.

Segundo GUERTIN (1987):

[...] O sentimento de pertencimento é um processo interativo pelo qual os indivíduos estão interligados e se definem uns em relação aos outros em função do campo de interesses e de afinidades.⁷⁸

Enfim, notamos no grupo esse sentimento de pertencimento, criamos nossos rituais e nossas gírias. O grupo de voluntários tem como mais forte valor comum, o sentimento de solidariedade. Nossas virtudes estão em nossos atos.

Percebo também que a coesão do grupo também se dá pela multiplicidade de ações, de lideranças e de papéis. De cliente a voluntário, de solitário a líder silencioso, é assim que conseguimos seguir adiante.

Um outro ponto observado é o status sociométrico de cada um e a expansividade afetiva que semanalmente recebe incentivo para aumentar.

Diferente do que muitos que nos observam podem pensar, não somos apenas um agrupamento, mas formamos sim uma estrutura sociométrica que foi estimulada pela realidade social e atua em conjunto como grupo, principalmente a partir da tarefa que os reúne.

Se “o homem moreniano é um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, sendo apto para a convivência com os demais”⁷⁹ (MORENO, 1975), percebo, pela apresentação e análise da vivência do grupo do sopão sistematizada nesse estudo, que os domingos na praça proporcionam esse momento de convivência tanto para os voluntários como para os clientes. Seria mais fácil, se fechar os olhos a esse problema social dos moradores de rua, dos viciados e dos alcoólatras, mas nos queremos ficar menos cegos e menos surdos.

Fazemos um resgate de novos papéis na sociedade. Nosso empenho é pela compreensão mútua. Desenvolvemos um co-consciente e um co-insconsciente nessa rede sociométrica formada.

O poema de Madalena Freire Weffort (1997) traduz o movimento que vivemos no grupo do Sopão:

⁷⁸ GUERTIN, Donald Sentiment d'appartenance chez l'adolescent et chez l'adolescent en milieu scolaire, Mémoire UQAM, 1987, pág. 167

⁷⁹ MORENO, J. L. Psicodrama, São Paulo: Editora Cultrix, 1975, p. 140-142

[...] Grupo é grupo

A cada encontro: imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado.

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido: aspectos desconhecidos.

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto novo, compromisso fazendo história.

A cada conflito: rompimento do estabelecido para a construção da mudança.

A cada emoção: faceta insuspeitável

A cada encontro: descobrimentos de terras ainda não desbravadas.”

Sobreviverá quem em última instância puder criar.⁸⁰

Pensar que Moreno também saiu às ruas, antes mesmo de subir aos palcos, comprova que a essência do Psicodrama está mesmo nas ruas, entendendo as ruas como lugar que simboliza a liberdade em uma megalópole como São Paulo e lugar onde se encontram pessoas.

A rua é o espaço de ninguém e de todos ao mesmo tempo. A vivência psicodramática realizada com o grupo de voluntários fez com que nos apropriássemos desse espaço – da rua. Parar, analisar um grupo a partir da socionomia, buscar os sentidos a um trabalho que realizo há 8 anos e realizar um trabalho de aproximação com o grupo central de voluntários, foram minhas principais ações dirigidas a esse estudo.

Esse trabalho de aproximação permitiu o aprofundamento de vínculos, a articulações dos projetos individuais e grupais, o clareamento e o fortalecimento das dimensões universais, particulares e singulares, em um projeto comum. A partir do resgate do ser social em sua totalidade tratamos do resgate do direito à vida e do direito à cidadania. Esse é o sentido da ação do grupo do sopão da Praça Roosevelt, investigada nesse estudo.

⁸⁰ Weffort, Madalena Freire “Grupo, Indivíduo, Saber e Parceria: malhas do conhecimento” série Seminários, São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997 p. 23

Vale mencionar que o termo adotado “cliente” para os assistidos é sim uma provocação. Vivemos em uma sociedade que valoriza o direito do consumidor. Por que não valorizarmos os direitos à vida?

São os valores compartilhados entre o grupo que reforçam nosso sentimento de pertencimento de grupo. Existe um sentido de ajuda e de coletividade que une voluntários e clientes semanalmente de forma ininterrupta. Vivemos o momento com intensidade de sentimentos: choramos, rimos, discutimos, corremos, tomamos chuva, sol.

A coletividade é capaz de transformar o ser humano. Acentuadamente a partir dessa experiência é que o ser humano está fortalecido para enfrentar a vida. A inclusão social somente é verdadeira a partir do coletivo. Falo do coletivo moreniano que é socialização e é um estar junto com significado, com ressonâncias do “eu” no “tu” e no “nós”.

O encontro semanal do grupo é um momento onde experimentam o “ser-em-relação”, análogo ao “ser-no-mundo”, da teoria existencialista de Heidegger (1995), onde o indivíduo se desenvolve ao mesmo momento em que o mundo se constitui como mundo para esse ser.⁸¹

O eixo-chave é “estamos juntos e seguimos juntos”. Se é a partir das relações sociais que a identidade do sujeito se forma, precisamos sim resgatar os indivíduos em situação de vulnerabilidade social a partir do resgate de suas relações. Isso é a base da filosofia moreniana. É o ser-em-relação como possibilidade de transformação.

Esse estudo é prova da transformação que o Psicodrama também promove para o estudante em processo de formação. É um conhecimento prático que imediatamente ultrapassa as paredes das salas de aula. Passamos a aderir a uma filosofia de vida que enxerga o mundo a partir das pessoas e de suas relações. Nosso olhar nunca mais é o mesmo depois do primeiro contato com os olhos de Moreno e com os olhos de nossos mestres formadores.

⁸¹ Heidegger, M. Ser e Tempo Petrópolis: Vozes, 1995

REFERÊNCIAS ⁸²

Livros

ALVES, Rubem **Mansamente pastam as ovelhas** Campinas, SP: Papirus, 2002

BUSTOS, Dalmiro **Perigo: amor à vista**. São Paulo: Aleph, 1990

DATNER, Y. e SAMPAIO, M “A Elaboração de projetos para a efetivação de intervenções socioeducativas”, **Grupos Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático**, São Paulo, Ágora, 2008,

DAVOLI, C. Psychodramatic scenes: liquid psychodrama, In FIGUSH Z (org) **From one-to-one psychodrama to large group sócio-psychodrama**. Reino Unido: edição do autor, 2009

FLEURY, Heloisa J, MARRA, Marlene Magnabosco (org) **Sociodrama um método, diferentes procedimentos**, São Paulo: Ágora, 2010

GIORGETTI, Camila **Moradores de rua: uma questão social?** Reimpr. São Paulo: Fapesp, Educ, 2010

GOLDSMITH, W. **São Paulo, cidade mundial: indústria, miséria e resistência**, in Kowarick, Lúcio (org) **São Paulo, passado e presente: as lutas sociais e a cidade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

GONÇALVES, Camila et al. **Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J.L. Moreno**, 8ª. ed., São Paulo: Ágora, 1988

GUERTIN, Donald **Sentiment d'appartenance chez l'adolescent et chez l'adolescent en milieu scolaire** Paris: Mémoire UQAM, 1987

Heidegger, M. **Ser e Tempo** Petrópolis: Vozes, 1995

⁸² Visando explorar ao máximo as diferentes fontes de pesquisa, foram utilizados como referências bibliográficas livros, periódicos, teses, monografias e diversos sites.

MARINEAU, René F **Jacob Levy Moreno, 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo** [tradução de José de Souza Mello Werneck] São Paulo: Ágora, 1992

MARTIN, E G **Psicologia do encontro: J.L. Moreno**, São Paulo: Ágora, 1996

MONTEIRO, Regina F (org) **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**, 2ª. ed., São Paulo: Ágora, 1998

MORENO, J. L. **Psicoterapia de grupo e psicodrama** Campinas: Psy, 1993

_____, **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e sociodrama** São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento , 2008 (edição estudante).

_____, **Psicodrama** São Paulo: Cultrix 1984

_____, **Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à práxis**. São Paulo: Mestre Jou, 1974

NAFFAH NETO, A. **Psicodrama: descolonizando o imaginário** São Paulo: Plexus, 1997

NASSER, A.C.A, **Sair para o mundo: trabalho, família e lazer na vida dos excluídos**, São Paulo: Hucitec, Fapesp 2001

NERY, Maria da Penha e MARRA, M. M. Inclusão social e sociodrama, **Sociodrama um método, diferentes procedimentos**, São Paulo: Ágora, 2010

PAGAUM, SERGE **A desqualificação social ensaio sobre a nova pobreza** São Paulo: Editora da PUC/SP, 2003

PORTUONDO, J.A. **“El test sociométrico”** Madrid: Biblioteca Nueva, 1971

WEIL, PIERRE prefácio **A ética nos grupos: contribuição do psicodrama** – São Paulo : Ágora, 2002

YOZO, Ronaldo Yudi K. **100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**, 17ª. ed, São Paulo: Agora, 1996

Teses e Monografias

GIORGETTI, Camila Tese de Doutorado **“Entre o higienismo e a cidadania: análise comparativa das representações sociais sobre os moradores de rua em São Paulo e Paris”** Ciências Sociais, PUC/SP, 2004

MARINO, M. J. Tese de Doutorado **Vir a ser psicodramatista: um caminho de singularização em coexistência**. Programa de Psicologia Clínica, PUC/SP, 2002

RODRIGUES, Dulce; DA SILVA, Tatiane R. **“A implementação do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar junto à população em situação de rua na particularidade do serviço social: possibilidades e limites”**, Serviço Social, PUC/SP, 2011

Estudos de entidades

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília: SAGI; Meta, 2008

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **ENCONTRO NACIONAL SOBRE POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, 1, 2005**, Brasília, DF: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2006.

SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Estimativa do número de pessoas em situação de rua da cidade de São Paulo em 2003**. São Paulo: FIPE, [200-]. Periódicos

Weffort, Madalena Freire **“Grupo, Indivíduo, Saber e Parceria: malhas do conhecimento”**, série Seminários, São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997

Online

<http://www.brasilecola.com/brasil/populacao-situacao-rua.htm>

<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI6090406-EI8139,00-Moradores+de+rua+se+mobilizam+por+politic+sociais+de+apoio+em+SP.html>

<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/03/12/governo-quer-detalhar-a-vida-dos-moradores-de-rua-no-pais>

<http://www.qir.com.br/?p=4323>

<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protecao-social-especial/populacao-de-rua/populacao-em-situacao-de-rua>>

<http://www.190pb.com.br/noticia/16382/homicidios/2013/03/06/morador-de-rua-e-assassinado-com-sete-facadas-no-centro-da-capital>

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,morador-de-rua-e-espancado-ate-a-morte-por-4-homens-e-1-mulher-em-porto-alegre-,1001531,0.htm>

<http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/internacao-compulsoria-tratamento-ou-isolamento-social>

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/um-ano-apos-operacao-no-centro-de-sp-cracolandia-resiste-e-ganha-filiais.html>

<http://www.ocas.org.br/sobre>

Periódicos

BORIN, Marisa do Espírito Santo, “Moradores de rua em São Paulo: um estudo em construção nas ciências sociais” in **Revista Margem Tramas Urbanas, Faculdade de Ciencias Sociais Programa de Estudos Pós Graduated em Ciencias Sociais e Historia da PUC/SP**. São Paulo, no. 20, p. 67-75 dezembro 2004.

DAVOLI, C. Cenas psicodramáticas: psicodrama líquido in **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 14, no. 1, ano 2006, edição bilingue, p. 85

DAVOLI, C. Psicodrama e sociodrama: uma caracterização. **Revista Brasileira de Psicodrama** v. 2, no. 2, pág. 25, 1990

PERAZZO, S. Sobre o tema tele, **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 8, no. 1, pp. 125-130

PESSANHA, D. Mendigo,o trabalhador que não deu certo. **Ciência Hoje**, pp 30-35, jan/fev 1983, Sociedade brasileira para o progresso da ciência

TAVARES, Joana “O problema da população de rua não é a rua, é a vida” **Jornal Brasil de Fato** (circulação nacional) no. 447, de 22 a 28 de setembro 2011

ALVAREZ VALCARCE, P. Axiología y Psicodrama. **Anais do 1º. Congresso Ibero-americano de Psicodrama.** Salamanca, Universidade de Salamanca, 1997 p. 81-90

ANEXOS

Foto 1: Centro de Apoio, situado na rua da Figueira (Moóca)



Foto 2: D. Mariazinha, iniciadora do trabalho do sopão da Praça Roosevelt



Foto 3: Local de Preparação da sopa



Foto 4: Escala das equipes de trabalho

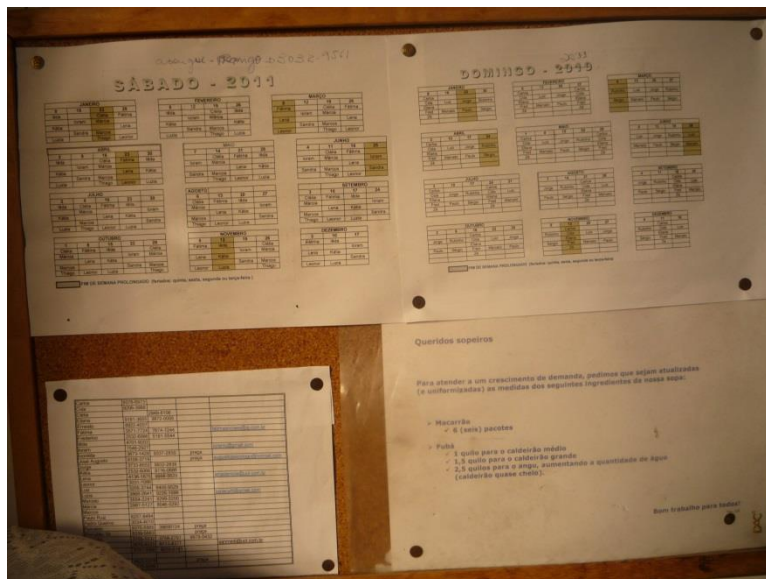


Foto 5: Crianças



Foto 6: Momentos





Foto 7: Psicodrama líquido (registro adicional em audiovisual)





Sr. Reinaldo



Reinaldo L.

Foto 8: Axio-sociodrama





